Ano XII ... Nº 369 ... Uberaba/MG ... Outubro/Novembro de 2011

Revelação

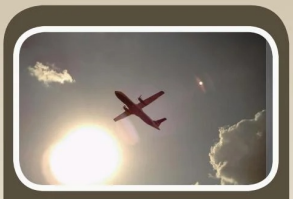
Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

História viva

Personalidades que batizam ruas e praças de Uberaba

pág. 14

Foto: Arquivo Público

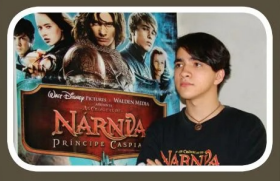


Faltam voos ou passageiros?
Motivos pelos quais o aeroporto não decola

04

Em baixa
Os clubes sociais estão em decadência

17



A magia
Harry Potter e outros personagens encantam adolescentes

20

issuu-downloader.com

A ideia é aparecer

Danilo Lima
6º período de Jornalismo

E aí? Quer aparecer? Esqueça aquela história de melancia na cabeça. A moda agora é utilizar a internet e seus vários meios - Facebook, Orkut, Twitter e blogs - para mostrar toda a sua indignação. Vale postar um vídeo engraçado, fazendo ou falando qualquer coisa, cantando ou dançando. Enfim, é possível fazer tudo que estiver na sua imaginação, até as coisas mais estapafúrdias.

No ócio da internet, as pessoas estão ávidas por tonteirices alheias, coisas ridículas e por aí vai.

Confie, você vai aparecer!

Prova de sucesso desta ideia é o comediante do CQC, da Rede Bandeirantes, Rafinha Bastos, que utilizou o twitter para fazer, supostamente, uma piada. O humorista disse que toda mulher que reclama que foi estuprada é feia e que o homem que cometeu o ato merecia um abraço, e não cadeia.

Com esta, o humorista foi intimado e questionado judicialmente pelo Núcleo de Combate à Violência Doméstica e Familiar do estado de São Paulo. Na sociedade, o ato foi motivo de repúdio de diversos setores. As feministas não perdoaram! Ele pagou caro sendo alvo da marcha das vadias, grupo que luta pela dignidade da mulher em todo o mundo. E, atente-se: Rafinha Bastos foi escolhido, recentemente, como pessoa mais influente do Twitter, de acordo com o The New York Times.

Pelo jeito, ele ainda não sabe utilizar desta influência e, na ânsia de querer aparecer, troca os 140 caracteres do Twitter por um milhão de problemas.

Outra que sentiu o gosto amargo de querer aparecer foi a americana Rebecca Black. Conhece?

Sua música possui apenas versos dignos de escola primária de inglês: "ontem foi quinta-feira, quinta-feira. Hoje, é sexta-feira, sexta-feira".

Ela procurou uma dessas gravadoras especializadas em jingles e gravou a música e o clipe por apenas 2 mil dólares. Conseguiu o sucesso que queria. Em menos de um mês, teve mais de 55 milhões de visualizações no Youtube. Mas com um detalhe: 90% dos que assistiram não gostaram e negativaram o vídeo de Rebecca.

Resultado: a rejeição causou transtornos à garota, que tinha o sonho de ser cantora e a fama repentina se tornou pesadelo. Ela teve até que mudar de escola devido ao bullying que começara a sofrer.

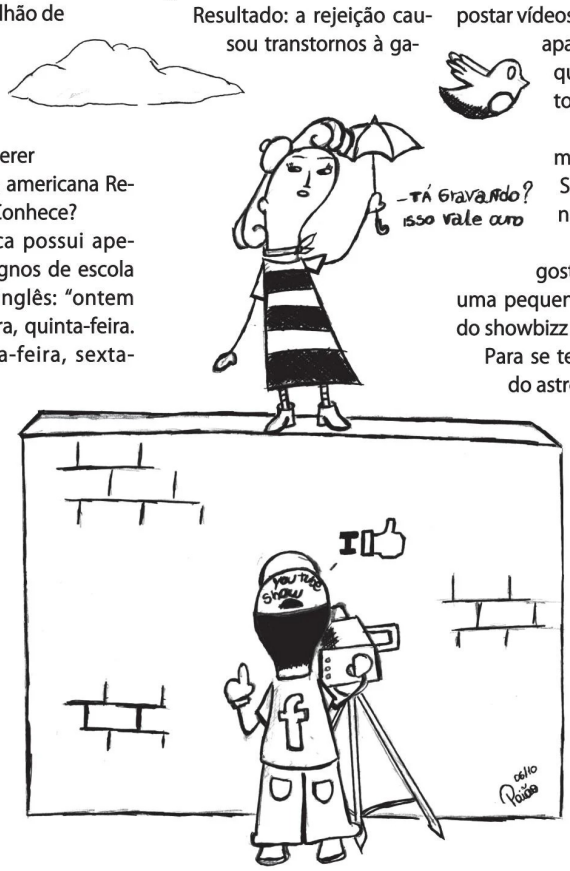
É o preço da fama a qualquer custo. A fama veio como uma sexta-feira treze para Rebecca Black!

Quem teve melhor sorte foi Justin Bieber. Começou a postar vídeos na internet, com aparições desde pequeno: cantando e tocando.

Isso tudo na remota cidade de Sttrantfor, no Canadá.

Um agente viu, gostou e esta aí mais uma pequena-grande estrela do showbizz mundial.

Para se ter ideia do poder do astro teen, no ano de 2010, seu vídeo "Baby, baby" foi o mais assistido do Youtube, com mais de 500 milhões de acessos em todo mundo, superando a nonsense Lady Gaga e seu Bad Romance, que aparecia com pouco mais de 362 milhões de acesso.



Consequência do mundo moderno?

Querer aparecer, ser famoso? Seria a grande frustração da sociedade atual?

A internet alavancou ainda mais este desejo. Atualmente, só é descolado quem tem mais de mil amigos no Facebook ou Orkut e alguns milhares de seguidores no Twitter.

Até mesmo nós, simples mortais e consumidores de todas essas baboseiras que os "aparecidos" nos proporcionam, temos, por diversas vezes, mesmo que neguemos, a vontade de aparecer, sermos lembrados.

No desespero de negar, estas palavras viram até sinônimas.

Não?!

Então responda: quando você coloca uma daquelas frases no MSN, quer o quê? Aparecer para alguém, né?!

Nestes casos, qualquer semelhança não é mera coincidência. A questão é que há profissionais e os amadores no quesito aparecer. Qual é o seu estilo? Já pensou nisso?

Revelação • Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba

Expediente. Revelação: Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba (Uniube) ••• **Reitor:** Marcelo Palmério ••• **Pró-reitora de Ensino Superior:** Inara Barbosa ••• **Coordenador do curso de Comunicação Social:** André Azevedo da Fonseca (MG 9912 JP) ••• **Professora orientadora:** Indiara Ferreira (MG 6308 JP) ••• **Projeto gráfico:** Diogo Lapaiva (8º período/Jornalismo), Jr. Rodran (5º período/Publicidade e Propaganda), Bruno Nakamura ••• **Designer Gráfico:** Isabel Ventura ... **Estagiário:** Gleudo Fonseca (2º período/Jornalismo) ••• **Revisão:** Márcia Beatriz da Silva ••• **Impressão:** Gráfica Jornal da Manhã ••• **Redação:** Universidade de Uberaba – Curso de Comunicação Social – Sala L 18 – Av. Nenê Sabino, 1801 – Uberaba/MG ••• **Telefone:** (34) 3319 8953 ••• **E-mail:** revela@uniube.br

issuu-downloader.com

Androginia: a ambiguidade dos sexos

Homens e mulheres se sentem livres para ser o que quiserem, inclusive, tudo ao mesmo tempo

Natália Escobar
2º período de Jornalismo

Antes de existirem o homem e a mulher, o ser humano era duplo. Cada indivíduo tinha duas cabeças, quatro braços, quatro pernas e os dois sexos. Irritado com a combinação harmoniosa que reunia os poderes dos dois sexos, Zeus, o pai dos deuses, partiu em dois esse ser singular. Fragmentados, homem e mulher são condenados a procurar eternamente sua parte perdida.

Este é um resumo do mito do amor, descrito em O Banquete, do filósofo grego Platão. Mas não é possível dizer que foi ali que começou a preocupação da humanidade com a androginia. Desde os primórdios as civilizações preocupam-se em descrever o início do mundo em um único ser, a semente inicial, símbolo da fertilidade em um único elemento.

O sexólogo Renato Menino diz que o distúrbio é psicológico

Biologicamente, androginia é a mistura de características femininas e masculinas em um mesmo ser, capaz de reproduzir-se sozinho. O que não é o caso dos humanos. De acordo com o sexólogo Renato Rodrigues Menino, androginia é um distúrbio psicológico de gênero e não uma escolha pessoal. O andrógino está dentro de uma condição psicológica onde não se vê como sendo de um sexo específico. De acordo com Renato, "é claro que uma pessoa pode escolher ter uma aparência andrógina, mas isso não implica diretamente que ela tenha um distúrbio de gênero".

O distúrbio psicológico em questão faz referência ao estado mental do indivíduo na questão de gênero, e não à aparência física ou ao tipo de roupa usada. Ou seja, o conceito de androginia está ligado à percepção do próprio indivíduo sobre ser homem ou mulher, no tocante ao papel sexual. "A pessoa com tal distúrbio tem grande tendência a ter comportamentos sociais e de aparência diferentes, mas o raciocínio inverso não é válido", explica Renato.

Entretanto, androginia vai além do fenômeno biológico e psicológico. Na década de 1950, quando o movimento feminista desconstrói a ideia de que a hierarquização dos sexos é uma fatalidade biológica, as mulheres colocam-se no mesmo patamar que os homens. Coco Chanel, estilista francesa, é então o nome mais quisto da moda e proclama a liberdade no pretinho básico e nas calças de alfaiataria. Caem os espartilhos e com eles vai-se o recalque. A mulher passa a fazer bom uso do vestuário masculino e aproveita o ensejo para ser mais livre. Surge a possibilidade da ambiguidade.

Alexandre Soares, estudante, 20 anos, é adepto da maquilagem carregada, esmaltes e acessórios femininos. Filho de militar, ele sofreu quando exteriorizou sua personalidade. O que começou com um ato de rebeldia e uma tentativa de agredir os pais, hoje é um estilo que Alex acredita que levará para toda vida. "A maneira como eu me visto expressa minha maneira de pensar o mundo. Eu não quero ser mulher, nunca quis", conta. Ele é homossexual, mas não acredita que androginia esteja obrigatoriamente ligada à sexualidade. "As pessoas recriminam o que não conhecem. Quando veem uma pessoa diferente do padrão, sentem necessidade de dar um nome, taxar. Não é necessário que você seja homossexual para se vestir bem."

Alexandre Soares diz que é adepto de maquilagem carregada, esmaltes e acessórios

A essência da androginia, realmente, não está diretamente ligada ao homossexualismo. A sexualidade, de acordo com Renato, "não é uma entidade única e tem na sua formação várias nuances". O primeiro nível da sexualidade é a identificação sexual, se o indivíduo se considera homem ou mulher. Outro nível posterior é o papel sexual, ou seja, o que é ser homem ou ser mulher na esfera social. E aqui entram as características culturais, como a consciência de que meninas são delicadas e brincam de boneca, enquanto meninos gostam de brigar e brincar dezz carrinho. Outro nível é o da orientação sexual, que refere ao desejo sexual pelo mesmo sexo, pelo sexo oposto ou por ambos os sexos. "Esses vários níveis se combinam de maneira diferentes. Assim, um indivíduo andrógino pode ter orientação de desejo homossexual ou heterossexual", explica Renato. "Culturalmente, os homens e mulheres estão tendo um abrandamento dos papéis sexuais com uma tendência até de inversão em alguns casos. Acredito que cada vez mais teremos uma tendência, homens e mulheres, de nos encontrarmos no meio do caminho", opina Renato.

issuu-downloader.com

Um aeroporto que demora a decolar

Falta de passageiros e destinos de voos emperram o sucesso do setor

Marcelo Lemos
4º período de Jornalismo

Com apenas duas companhias aéreas operando diariamente na cidade, o Aeroporto de Uberaba - Mário de Almeida Franco, que possui capacidade para 200 mil passageiros anuais, está praticamente subutilizado.

A falta de mais empresas e de outros destinos está entre os motivos que prejudicam os usuários.

Em 2006, foram iniciadas obras de ampliação e melhorias no aeroporto, um investimento de aproximadamente R$ 6 milhões, que não foi suficiente para atrair novas companhias para Uberaba.

Em quatro anos, três empresas deixaram de operar na cidade: Air Minas e Pantanal - com voos para Guarulhos, e a Ocean Air - com destino a São Paulo. A Trip, uma das companhias que atua hoje na cidade, comprou a operação de passageiros da Total Linhas Aéreas, que também possuía voos partindo do Aeroporto Mário de Almeida Franco.

Atualmente, Trip e Azul atendem com voos diretos para Araguaína, Araxá, Belo Horizonte, Brasília, Campinas e Uberlândia, além de conexões para outros destinos.

Segundo o superintendente da Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária (Infraero), João Itacir Freitas, o crescimento do aeroporto está ligado diretamente ao desenvolvimento do município.

As empresas são atraídas ao perceber a oportunidades de bons negócios, que paguem os custos e ainda rendam lucros. "Nós temos uma cidade a 100 quilômetros de Uberaba que teve um desenvolvimento maior do que o nosso. Isso faz com que as companhias tenham interesse em voar naquela rota", esclarece Freitas, referindo-se a Uberlândia.

O superintendente da Infraero prevê a vinda de novas companhias

Fotos: Marcelo Lemos

Atualmente, só duas companhias atendem com voos diretos a partir de Uberaba

O superintendente explica ainda que o Poder Público não pode obrigar as empresas a oferecer voos. São as próprias companhias que se manifestam interessadas em operar nos destinos.

Ele reconhece que Uberaba está se desenvolvendo, tanto no mercado imobiliário quanto no setor industrial, com a possibilidade de instalação de novas unidades no município. "É visível esse crescimento e isso vai mexer com a cidade. Eu não tenho dúvidas de que haverá um reflexo no aeroporto", otimiza João Itacir.

Do ponto de vista da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico, o problema está na falta de slots (vagas para pouso e decolagem nos aeroportos). Segundo o secretário Carlos Assis, as companhias aéreas têm a liberdade de escolher para onde voar, por meio dos slots concedidos pela Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). "Se hoje nós tivéssemos slots para o aeroporto de Congonhas, por exemplo, não estaríamos preocupados. Mas, sem ter São Paulo disponível na linha para Uberaba é muito difícil criar alternativas", ressalta o secretário de Desenvolvimento Econômico.

O superintendente da In-

> "Sem ter São Paulo disponível na linha para Uberaba é muito difícil criar alternativas

issuu-downloader.com

fraero discorda do secretário e destaca os oito voos diários entre São Paulo e Goiânia, que passam pelo espaço aéreo de Uberaba. Na opinião dele, se essas companhias fizessem escalas no Aeroporto Mário de Almeida Franco, os slots não seriam afetados. "O crescimento do aeroporto tem vínculos com a cidade, tanto é que Uberaba está se desenvolvendo e o movimento do aeroporto está crescendo junto", defende João Itacir.

De acordo com a Infraero, o movimento do aeroporto cresceu 60 % em um ano. Foram 36.126 passageiros em julho de 2010 contra 57.837 passageiros no mesmo período do ano anterior.

> Só paga caro quem chega na véspera e quer viajar

Segundo o superintendente, até dezembro os números chegarão a 140 mil passageiros. Ele adianta ainda que, até o fim deste ano, novas companhias aéreas deverão operar em Uberaba. "Eu não tenho dúvidas de que isso vai acontecer porque nós já temos manifestações de algumas empresas", afirma.

O empresário Abrão Moisés Neto é usuário do transporte aéreo há 35 anos. Ele já viajou muitas vezes até Uberlândia ou Ribeirão Preto para embarcar com destino a Curitiba, Porto Alegre, Rio de Janeiro, São Paulo e outras cidades. Em agosto, uma pane no avião da Azul, em Uberaba, cancelou o voo do empresário que partiria para Campinas. A companhia disponibilizou um ônibus executivo para os passageiros seguirem viagem. "Eu não aceitei. Fiquei em Uberaba, dormi e fui no dia seguinte, em outro voo", relata Abrão Moisés.

Na opinião do empresário, se o aeroporto tivesse outros horários para o mesmo destino, o problema seria resolvido mais facilmente. Abrão não entende por que as empresas ficam apenas alguns meses na cidade e depois deixam de operar em Uberaba. "Não tem passageiros porque não existem mais opções de voos ou não existem mais voos porque não tem passageiros?", questiona o empresário.

Para ele, o preço das passagens também dificulta atrair mais pessoas para o transporte aéreo.

Foto: Marcelo Lemos

A reforma e a ampliação do aeroporto custaram R$ 6,1 milhões

O secretário de Desenvolvimento Econômico e o superintendente da Infraero defendem que o valor das passagens praticado pelas empresas na cidade não está alto.

João Itacir explica que as companhias aéreas definem o preço para cada destino. O secretário Carlos Assis esclarece que se as pessoas programarem a viagem com no mínimo 30 dias de antecedência, vão pagar bem mais em conta. "Só paga caro quem chega na véspera e quer viajar", conclui Assis.

A história do aeroporto

O Aeroporto de Uberaba foi fundado na década de 1930, por meio de decreto e recebeu o nome de Aeroporto Santos Dumont.

Em 14 de abril de 1934, os voos inaugurais da rota São Paulo/Uberaba pela empresa VASP com dois bimotores "Monospar" de quatro lugares, com três frequências semanais (2ª, 4ª e 6ª feira) marcaram o início das atividades do então Campo de Aviação em Uberaba.

A inauguração do aeródromo, hangar e bar, se deu em 16 de junho de 1935; contando com a presença do Frei Dom Luís Maria Santana, que procedeu a bênção oficial do local e demais dependências.

Em 1937, o hangar foi reformado, depois de ser danificado por um forte tufão que passou pela cidade.

Por determinação de novo decreto, em 13 de junho de 1980, o Aeroporto Santos Dumont passou a denominar-se Aeroporto Mário de Almeida Franco.

No mesmo ano, a Infraero assumiu o controle e a administração do local. A partir desta data, foram iniciadas as modernizações de todo sistema operacional, administrativo e de segurança, dentre elas, a instalação de sistemas de navegação aérea, implantação de torre de controle, sistemas de balizamento noturno, estação meteorológica de superfície, tetômetro a laser, farol rotativo de aeródromo, construção de seção contra incêndio com operação 24 horas, além de reforma e ampliação do terminal de passageiros.

Hoje, é denominado Aeroporto de Uberaba - Mário de Almeida Franco, de acordo com a Lei federal 11.519, de 14 de setembro de 2007.

Foto: Arquivo Público

Voo inaugural da VASP, em 8 de dezembro de 1934

issuu-downloader.com

Setor da Construção Civil investe em centro de treinamento em Uberaba

Fotos: Grasiano Souza

O operador de betoneira Luis José de Souza ingressou no segmento sem qualificação profissional, conforme faz a maioria dos trabalhadores da área

Katiuscia Antunes
4º período de Jornalismo

A construção civil mostra-se termômetro do mercado e comporta-se como um reflexo da economia. Foi de olho neste filão que o operador de betoneira Luis Jozé de Souza resolveu trabalhar com obras e edificações.

Há cerca de três anos, sem nenhuma experiência, iniciou como servente. Hoje, se diz satisfeito com o trabalho que possui. Chega a faturar de R$1mil a R$1500 por mês. "Sou feliz com o que faço aqui na obra. Trabalhamos em equipe".

Conforme dados recentes do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Uberaba contabiliza mais de 300 mil habitantes, que vivem entre os 175 bairros existentes. São 135.491 imóveis e mais de 1700 casas que passam por reforma ou ampliação.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias da Construção e do Mobiliário de Uberaba (STICMU), José Lacerda, conta que, atualmente, a entidade agrega quase mil associados e registra cerca de 10 mil profissionais na área. Segundo ele, o setor precisa de mais pessoas capacitadas e que possam atender aos anseios de desenvolvimento da cidade. "Formar profissionais não é só questão técnica: é uma questão de cidadania".

O engenheiro Matheus Ferreira Franco, responsável pela construção de mais 800 casas em um loteamento, frisa a necessidade de qualificação de mão de obra. "Nossa empresa chega a oferecer um prêmio para motivar os funcionários a não faltarem. Atualmente, temos 80 serventes, sendo que diariamente somente 60 deles trabalham. Isso devido ao alto número de faltas".

Atentos a essa crescente demanda, o sindicato e o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) desenvolvem um projeto, em parceria, oferecendo cursos na área para qualificar pedreiros, encanadores, eletricistas.

O Centro da Construção Civil está instalado na sede do SENAI, na Praça Frei Eugênio. No local, haverá laboratórios que simularão, inclusive, etapas reais de uma obra.

Segundo o presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Vale do Rio Grande (SindusconVale), Nagib Galdino Facury, o segmento da construção civil deverá manter-se aquecido. "Nenhum trabalhador do ramo está parado e ainda falta mão-de-obra especializada".

Deusirene Nunes atualmente trabalha como balconista, mas diz que tem vontade de atuar como acabamentista. Ela recebe o apoio do marido, que a incentiva a inscrever-se nos cursos que deverão ser oferecidos pelo Centro da Construção Civil, a partir de novembro.

Deusirene acredita que será mais fácil trabalhar na construção e muito mais rentável. "Eu sempre gostei de coisas rústicas. Eu mesma pintava minha casa".

issuu-downloader.com

O sonho ficou mais caro

Hipervalorização do setor imobiliário leva valores de imóveis às alturas

Vinícius Silva
4º período de Jornalismo

O sonho da casa própria virou pesadelo para a auxiliar administrativo Carla Beatriz da Cunha, de 35 anos. A burocracia em relação à documentação e restrições cadastrais não são mais os principais problemas, se comparados ao aumento nos preços de venda e locação dos imóveis. "As formas de pagamento são facilitadas, porém os valores são altos e os juros exorbitantes".

Segundo a economista Andréa Medina Coeli, os reajustes do preço da matéria-prima e da mão-de-obra, influenciam na alta dos preços.

De acordo com o Índice Nacional da Construção Civil, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o custo nacional da construção, por metro quadrado, passou de R$ 755, 21, em agosto, para R$ 757, 86, em setembro, sendo R$ 428,07 relativos aos materiais e R$ 329,79 à mão-de-obra. Por metro quadrado, o maior custo regional, em setembro, é o da Região Sudeste: R$ 798,44.

Andréa tem outra explicação para o aumento do preço dos imóveis. "O interessado em pegar dinheiro emprestado faz a seguinte conta: se couber as parcelas dentro do orçamento familiar, faz a aquisição, mesmo que os juros sejam elevados. Dessa forma, existe o risco deste mutuário se endividar muito e não conseguir pagar suas prestações. Índice de inadimplência alto gera juros e seguros residenciais elevados, aumentando cada vez mais os preços destes imóveis", pondera a economista.

Preço

Se você anda pela cidade, percebe que houve um aumento no número de construções de condomínios fechados, porém, segundo dados de uma pesquisa realizada pela Rede de Imóveis Online - uma associação que reúne imobiliárias de Uberaba – observou-se a relação custo/benefício. A opção favorita dos compradores ainda é por bairros cujo preço é mais baixo. "Há uma grande procura por imóveis mais bem posicionados na cidade, como na região central, aumentando assim seus preços de venda ou aluguel", explica o proprietário de uma empresa de serviços imobiliários, José Renato Sanchez.

Em função da localização, os estudantes universitários também enfrentam problemas, como é o caso de Fabiana Oliveira, que veio de Patrocínio para estudar em Uberaba. "O número de alunos matriculados cresceu muito e todos querem morar perto da faculdade. Como todos sabem que a procura é grande, os proprietários acabam elevando o preço do aluguel", conta a estudante.

Motivo

O presidente da Associação Comercial Industrial e de Serviços de Uberaba (Aciu), Karim Abud, afirma que a cidade sofreu um impulso populacional em função do fomento dos polos educacional e industrial. "As pessoas estão procurando por imóveis com mais frequência para se instalar por aqui, logo, os preços aumentam. É a lei da oferta e da procura".

> "As formas de pagamento são facilitadas, porém os valores são altos e os juros exorbitantes

Foto: Vinícius Silva

Uma pesquisa revela que clientes optam por imóveis centrais pela relação custo-benefício

Solução

Segundo o presidente do Cohagra, Samir Cecílio, Uberaba que foi o primeiro município de Minas Gerais a implantar o programa do Governo Federal, "Minha Casa Minha Vida". Cerca de cinco mil casas já foram construídas.

Na segunda etapa do programa, os terrenos apresentam custos maiores que na primeira fase devido à supervalorização da construção civil no país, porém a cidade está entre as 12 com obras previstas.

O programa é uma forma de diminuir o déficit habitacional, beneficiando os trabalhadores com menores rendas.

issuu-downloader.com

Área azul na Prudente de Morais causa preocupação em lojistas

Eles temem que o estacionamento rotativo derrube as vendas

Mikael Minare
4º período de Jornalismo

Fotos: Graziano Souza

A ideia é que os fiscais fiquem em pontos específicos da avenida, vedendo o cupom a R$ 1,00

Foi aprovado em 29 de junho de 2011, pelo prefeito Anderson Adauto, o decreto N°3011, que cria o estacionamento rotativo na avenida Prudente de Morais, no bairro Abadia. O objetivo é que, a cada duas horas, a vaga seja destinada a um novo cliente. Os pontos de carga e descarga terão um horário fixo.

Segundo a última pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Uberaba tem cerca de 300 mil habitantes e há, em média, dois carros em cada casa.

A avenida Prudente de Morais é considerada o segundo centro comercial da cidade, com fluxo de seis a oito mil veículos por dia.

A comerciante Sônia Amaral diz que, por dia, em seu varejão de frutas e verduras passam cerca de 300 consumidores. Ela estima queda de 20% no movimento, pois acredita que os clientes não pagarão R$1,00 para estacionar enquanto fazem compras. "Os clientes vão procurar lojas com estacionamentos gratuitos. E os automóveis da minha loja, onde vão ficar? Vou ter que ficar trocando os bilhetes de duas em duas horas para manter o acesso mais rápido na minha disk entrega e isso não vai trazer nenhuma vantagem".

Já o lojista Gilberto Ricardo de Souza, com 23 anos de comércio na Prudente de Morais, diz não se importar com a nova aprovação. Ele acredita que a rotatividade ajudará a abrir mais vagas para seus clientes estacionarem, aumentando assim suas vendas. "Eu sou privilegiado com a localização do meu estabelecimento, tendo vários pontos de comércio ao meu redor. Os mesmos, pagando o bilhete, poderão ir a outros comércios".

Em entrevista ao Revelação, o vereador José Severino diz que o decreto não atingirá negativamente a comunidade.

Segundo ele, o intuito deste projeto é beneficiar o próprio comerciante e o consumidor final. "Como morador do bairro há 37 anos, sabemos que o comércio desta avenida é muito importante para o bairro". A Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL) prefere não se posicionar, uma vez que o decreto já foi aprovado.

issuu-downloader.com

Ronda Social muda destinos

Projeto traz esperança de um futuro melhor para os moradores de rua

João Gilberto Neto
4º período de Jornalismo

Ao relento, vendo a noite e sofrendo preconceito. Esta era a realidade de Washington Heitor Inácio de Carvalho. Abandonado pelos pais na infância, ele foi criado por sua avó, juntamente com seus dois irmãos.

Ainda jovem, Washington envolveu-se com álcool e drogas, fazendo das ruas o seu novo lar. Caminhava e dormia sob marquises, sujo e mendigando. Sua vida era sustentada por donativos.

O morador de rua despertou a atenção de uma família, que o adotou. Foram 17 anos vivendo junto com eles.

Depois de muito tempo limpo, sem bebida, o mundo de Washington virou do avesso. Ele perdeu a namorada, voltou a beber e seu lar novamente tornou a ser a calçada. "Os tombos da vida fazem a gente levantar".

Hoje, com 35 anos,mas apresentando muito mais idade, ele continua vivendo de ajuda. Frequentemente, Washington é acolhido pela Ronda Social.

Os funcionários da prefeitura o transferem para o Albergue Municipal, cedem comida, cama e banho.

A Ronda Social surgiu em 2007. Seu objetivo é retirar os moradores de rua de sua situação atual. O grupo encaminha adultos, idosos e crianças para suas famílias ou instituições responsáveis.

De acordo com o coordenador do projeto, Ronaldo Souza Silva, a Ronda Social aborda, em média, 500 pessoas por mês."O índice de rejeição à Ronda Social é muito baixo", diz.

O albergue e a Ronda contam com dois carros, dois psicólogos e três assistentes sociais para a busca e tratamento dos recolhidos. Cada pessoa abordada pode optar se será acolhido ou não.

Conforme o projeto, dentro do Albergue, o atendido é acompanhado por psicólogos e assistentes sociais. Lá também são realizadas atividades socioeducativas para que, posteriormente, haja a reinserção na sociedade. O tempo de permanência no albergue varia de acordo com a situação de cada um.

Quando o recolhido não possui vínculos parentais ou moradia na cidade, o setor de migração da prefeitura providencia os documentos para que o indivíduo seja levado à sua cidade de origem ou para a cidade da qual é natural.

No dia em que o Revelação conversou com Washington, ele contou que conseguiu aposentar-se por ser portador de tuberculose e que desejava alugar uma casa onde possa viver tranquilamente a sua vida.

Outro caso bem-sucedido é o de Cristinei Pedro Rodrigues. Ex-alcoólatra, ele obteve tratamento em uma clínica de recuperação na comunidade de Santa Fé e, atualmente, está no albergue. Ele, que hoje se profissionalizou como ajudante de cozinha, quer ter um futuro trabalhando independentemente do local. "Quero trabalhar em restaurante, mas o que pintar eu pego", conta.

A Ronda Social trabalha das 6h às 18h e os plantonistas das 18h à 1h. Para entrar em contato, basta ligar para (034) 9967-4451.

Foto: João Gilberto Neto

Washington estava no albergue depois de recolhido pela Ronda

Foto: Marcos Ribeiro

O coordenador do Projeto Ronda Social, Ronaldo Souza Silva, garante que o índice de rejeição do projeto é muito baixo

> "Os tombos da vida fazem a gente levantar

issuu-downloader.com

Projeto Cidade do Bem-Estar prevê mudança no visual de Araxá

Orçado em R$25 milhões, a intenção é transformar as avenidas e o Cristo

Ubirajara Galvão
4º período de Jornalismo

Ilustrações: Jorge Wilheim

O Pergolado de Encontro projetado pelo urbanista Jorge Wilheim será na avenida Wilsom Borges, no centro da cidade

Atualmente, as relações entre o meio ambiente, a urbanização e a qualidade de vida têm sido alvo de preocupação de vários segmentos da sociedade. A modernização das cidades acontece de forma acelerada, intervindo na natureza, e não, interagindo com a mesma, ou seja, não considera a qualidade de vida do homem.

Sintonizados com o conceito de que meio ambiente é o espaço onde se dão as relações homem/natureza, foi elaborado o projeto Araxá – cidade do Bem-Estar, que prevê a construção de cinco estações de lazer e cultura na cidade de Araxá.

> Trará resultados não só para os turistas, mas também para a sociedade

Segundo o consultor técnico do Sebrae, Otávio Gomes Neto, Araxá tem um arranjo diferenciado e recebe turistas de vários segmentos. "O turismo amplia horizontes e cria referência de base e de informação. Apesar disso, a cidade tem uma carência de identidade, de algo que a caracterize. O projeto pretende consolidar a identidade da cidade e criar condições de bem-estar no município".

As cinco estações foram inspiradas nos cinco sentidos, por isso o projeto apresentado pelo Sebrae-MG foi denominado Circuito dos Sentidos. O Circuito do Tato está associado aos tratamentos estéticos e de saúde; o Circuito do Olfato, à natureza e aos esportes; o Circuito do Paladar, à gastronomia; o Circuito da Visão, ao patrimônio histórico e as perspectivas da cidade; e o Circuito da Audição, à música e aos sons da natureza.

"É um projeto bem estruturado que, com certeza, trará resultados não só para os turistas, mas também para a sociedade, que terá uma cidade mais bonita, tranquila e atrativa - uma cidade do bem-estar de verdade", comenta a secretária municipal de Desenvolvimento Econômico, Turismo e Parcerias, Alda Sandra.

A proposta foi feita pelo urbanista, arquiteto e administrador público, Jorge Wilheim, responsável pelo projeto e pela construção de obras importantes, como a sede da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) e do Serviço Social das Indústrias (Sesi), da Vila Leopoldina. Ele também projetou o conjunto do Parque Anhembi, em colaboração com Miguel Juliano, no qual se destacam o Palácio das Convenções, abrigando 3,5 mil lugares, e o Pavilhão de Exposições, com uma área de 67 mil metros quadrados.

Para a implantação, foram escolhidas as áreas da Encosta do Cristo, o Estádio Municipal Fausto Alvim e as avenidas Imbiara e Wilsom Borges. O orçamento total é de R$ 25 milhões, que poderão ser arrecadados através de iniciativas público-privadas. Ainda não há previsão para o início das obras.

"As ações do projeto têm condições técnicas, caso implantadas, para inaugurar um modelo de gestão capaz de

issuu-downloader.com

> O modelo apresentado tem como fundamento a inovação tecnológica

resgatar a capacidade deste segmento, de promover o desenvolvimento econômico e social. O fundamental é que, independentemente da atividade turística, o modelo apresentado tem como fundamento a inovação tecnológica, conforme modelos atuais de gestão e promoção do ambiente urbano", comenta Otávio.

O projeto do Conjunto da Encosta do Cristo busca requalificar o parque por meio da intensa recuperação da cobertura vegetal. Haverá a criação de um parque ecológico, com um jardim botânico, trilhas para bicicletas, trilhas ecológicas para caminhada, um museu da história natural e uma biblioteca.

A intervenção na Imbiara pretende requalificar a avenida ao longo de seus dois quilômetros, partindo da praça da Igreja Matriz, criando uma continuidade ao projeto em implantação na área central, e terminando na grande rotatória com a Av. Tancredo Neves. As calçadas serão alargadas e, na arborização, serão usadas árvores frutíferas típicas do cerrado, como Araticum, Tamarindos, Gabirobas e Cagaitas. A Imbiara também contará com toda a rede elétrica subterrânea.

No estádio Municipal, localizado na avenida, será implantada a Estação do Paladar. O estacionamento do estádio será arborizado. O gramado e a arquibancada serão parcialmente preservados e servirão de pista para os momentos de espetáculo, área de estar e piqueniques. Abrigados pela marquise, serão instalados boxes de restaurantes. A clareira abrigará um parque infantil.

Já na avenida Wilson Borges, os pisos de cimento da pista de caminhada serão substituídos por um adequado a corridas e caminhadas. As pistas para caminhada estarão separadas por faixas de jardim com flores aromáticas. Por toda extensão da avenida haverá intervenções para garantir prioridade ao pedestre, como elevação do piso em locais de travessia de pessoas e bicicletas. A avenida terá ainda praças para crianças, para alongamento, praça de exercícios, além de áreas de descanso.

"É um projeto que certamente vai trazer bons frutos para a comunidade e para a população, em termos de emprego, de renda, em termos de lazer, de bem-estar e qualidade de vida não só para o turista, mas para o cidadão araxaense", comenta o diretor da unidade do Serviço Social do Comércio (Sesc) de Araxá, Estevão Xavier Ribeiro de Oliveira.

Uma das principais atrações da cidade, o Parque do Cristo, poderá ganhar ciclovia e pista de caminhada

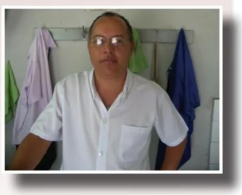
Em perspectiva, é possível perceber os quiosques do parque

Opinião

"Em termos de turismo, vai ser bom para Araxá. Tendo licitação correta não acho que o projeto está caro. Vai ser ótimo para a cidade!"
Ruti Marcontes de Paula, administradora de empresas

Fotos: Ubirajara Galvão

"Para efeito de turismo, seria ótimo, muito bom. Mas, em outro caso, a cidade precisava mais da verba para a área de saúde, apesar de a prefeitura já estar cuidando de muita coisa. Acho que eles deveriam rever esse projeto pelo fato de o custo ser muito grande".
Flavio Santos, vigilante



"Acredito que o projeto será bom. Virá para aumentar o comércio. Por mim, o preço é razoável. Não acho que está muito caro, nem muito barato. Está no meio termo".
Francisco Antonio Fernandes, cabeleireiro

issuu-downloader.com

Asfaltamento de ruas de pedra causa polêmica em Sacramento

Fotos: Mariana Alves

Metade da avenida central ainda é mantida de pedras

Mariana Alves
4º período de Jornalismo

A cidade de Sacramento passsa por modificações que não agradam a alguns setores da sociedade. Uma delas é o asfaltamento das ruas de paralelepípedo que ainda restam. Há o medo de que o centro perca a característica histórica e sofra com futuros problemas de inundações.

Segundo o promotor da comarca José do Egito, existe um acordo em que consta o nome de algumas ruas do centro da cidade que não poderão ser asfaltadas. São aquelas presentes em área de preservação do patrimônio histórico. O acordo foi feito após uma conversa em que os representantes da ONG Veredas, o historiador Berto Cerchi e o professor de história Alessandro Abdala, tiveram com o promotor pedindo que o calçamento fosse mantido, já que algumas delas estavam sendo asfaltadas.

O acordo foi assinado em 2008, no último ano do mandato do prefeito Joaquim Rosa Pinheiro, e está sendo mantido pelo atual prefeito, Wesley de Santi de Melo (Baguá).

Berto se diz preocupado com um possível asfaltamento, já que o acordo existente não é o mesmo do tombamento das ruas. Ele explica que o asfalto tem muitas desvantagens, como o aumento da temperatura da cidade e o comprometimento da drenagem da água da chuva. O historiador também afirma que os paralelepípedos duram mais, cerca de dois mil anos, enquanto o asfalto não consegue manter-se por dois ou três anos. Outro problema que também o preocupa é o aumento da velocidade dos carros, que correm muito mais nas ruas asfaltadas, elevando o risco para os pedestres.

O ambientalista Fred Crema também coloca-se contra o asfaltamento, pelos mesmos motivos de Berto. "O paralelepípedo tem uma vida útil de 1000 anos. Veja, por exemplo as principais construções de Roma, Veneza, Firenze, Amsterdam, Paris: todas têm calçamento de paralelepípedo."

Ele ainda ressalta que, para a instalação das pedras, há mão-de-obra local, enquanto que para o asfaltamento, a mão-de-obra é de fora. O ambientalista lembra que algumas providências deveriam ser tomadas antes do asfaltamento, como a adaptação das galerias de água, que foram construídas na década de 60, os ajustes necessários das redes de esgoto, dentre outros procedimentos que visam a preparar a cidade para ser asfaltada, e que não estão sendo feitas.

Fred também destaca a durabilidade das pedras

Segundo o superintendente de Obras e Serviços Urbanos da prefeitura, Cacildo Bonati, o trabalho feito é apenas uma revitalização das ruas já asfaltadas anteriormente. Ele conta que as únicas ruas de pedra que receberam asfalto foram aquelas que estavam só com a metade de paralelepípedos. Cacildo diz que a prefeitura optou pelo asfaltamento por ser mais viável, já que não há mão-de-obra qualificada e que as pedras usadas para o calçamento são retiradas de áreas de preservação ambiental.

A cidade hoje tem, ao todo, 280 ruas pavimentadas, mas o superintendente diz que desconhece a quantidade das que têm o calçamento de paralelepípedo. Cacildo diz que a prefeitura não tem intenção alguma de asfaltar as antigas ruas de pedra, e afirma que o trabalho de revitalização é estimado em mais de um milhão de reais.

A moradora Beatriz Almeida protestou em forma de arte

A opinião dos moradores

Beatriz Almeida é artista

issuu-downloader.com

plástica e diz que a cidade perderá grande parte de sua história caso as ruas sejam todas asfaltadas. "Hoje, nossos governantes não estão pensando em como preservar a história de nossa cidade, nem nas ruas, nem as casas de arquitetura tão antiga", ressalta a artista.

Nem toda a população está contra o asfaltamento. Márcia Bizinoto é advogada e professora de História. Ela mora em uma rua de pedra e diz que o asfaltamento é mais seguro para os pedestres, uma vez que as pedras são escorregadias e não são niveladas, "As pedras dificultam muito ou até impedem o deslocamento de deficientes e idosos. Acho que se deveria pensar mais nas pessoas. Hoje vivemos mais, merecemos uma qualidade de vida melhor".

A moradora da rua de paralelepípedos conta que a poluição sonora do asfalto também é bem menor. Ela acredita que existem meios de se planejar para que a cidade seja toda asfaltada e, mesmo assim, não sofra com inundações. "Acredito no uso do asfalto reciclado e emborrachado, que também contribui com a natureza, pois serão utilizadas toneladas de pneus velhos jogados, dando utilidade a eles. Algumas pessoas que defendem essas pedras não deixam em suas próprias casas um cantinho de terra para escoamento de água, colocam cimento em tudo. Eu defendo o asfalto e deixei uma área verde em minha casa", finaliza.

Podas exageradas revoltam moradores

Em Sacramento, a iniciativa motivou protestos

Fotos: Ana Krísia Prado

Algumas árvores estão sem a copa, apenas com o tronco à mostra

Ana Krísia Prado
4º período de Jornalismo

Quem já visitou Sacramento, certamente já se deparou com diversas espécies de árvores. Seja em frente às casas ou nos canteiros em meio às ruas da cidade. Mas os moradores estão revoltados com as podas exageradas e a retirada das árvores, feitas pela prefeitura local.

A ação é normal, segundo informou Marco Túlio Oliveira, técnico em agropecuária, funcionário do Conselho Municipal de Desenvolvimento do Meio Ambiente, o CODEMA.

Marco explicou que algumas árvores foram retiradas porque já estavam mortas. Com isso, as raízes supitaram, causando transtornos para os pedestres. Conforme Marco, os sacramentanos pediram que a prefeitura tomasse uma atitude. "Algumas podas foram exageradas mesmo, mas isso é porque ainda nos faltam profissionais qualificados para o serviço. Como a maioria pediu que essa poda fosse maior, acabou sendo assim com todas, o que causou conflito com algumas pessoas, em específico", concluiu.

Para o empreendedor de uma agência de turismo de Sacramento, Frederico Crema, a ação foi uma afronta. "A cidade, que antigamente tinha enormes árvores, dentre elas Flamboyant e Figueiras, fazendo sombra em ambos os lados das avenidas, estão sendo extintas".

Fred é guia especializado em natureza e estava viajando quando a poda das árvores em frente à sua agência foi realizada pelos funcionários da prefeitura. Sendo assim, o proprietário não teve ação. "A prefeitura de Sacramento realiza podas e não faz a manutenção. É recorrente as pessoas pedirem para arrancar as árvores, pois elas sujam suas casas e entopem calhas. Para mim, o que suja as ruas são as bitucas de cigarro, papéis de bala, que são jogados sem o menor pudor", relatou.

O guia turístico afirma que a prefeitura exagera nessas podas para mostrar trabalho. De acordo com ele, as árvores demoram mais tempo para que suas folhas cresçam, evitando gastos com conservação

O funcionário do CODEMA, Marco Túlio, relata que a prefeitura da cidade está implantando novos projetos voltados ao meio ambiente. Porém, a falta de colaboração não permite o avanço para a melhoria dessa área.

Ele acredita que a população deveria se engajar mais, procurando saber, de fato, os motivos da retirada e das podas das árvores. Marco afirma que a prefeitura está fazendo um trabalho de arborização, em que as árvores mais antigas estão sendo retiradas e estão dando lugar para novas espécies da flora brasileira. "O que as pessoas não entendem é que essas árvores estão mortas e precisam ser retiradas para o replantio. Nenhuma árvore é eliminada sem que outra seja plantada no lugar", finalizou.

A agência de turismo instalou faixa em protesto contra as podas

issuu-downloader.com

A história registrada nas ruas e praças

Personalidades que foram atuantes na cidade são lembradas em locais públicos

Marcela Matarim
4º período de Jornalismo

Mais de 100 uberabenses nomeiam ruas, avenidas e praças na cidade. Personalidades que, ao longo dos anos, ajudaram a construir Uberaba, como médicos, jornalistas, comerciantes e políticos. Junto com o tempo, veio a urbanização e, hoje, esses locais nem parecem os mesmos de 50 anos atrás.

Quem passava pelo centro se deparava com toda a extensão do Córrego das Lajes correndo a céu aberto, dividindo a via estreita em duas. Poucos prédios, pontes nas travessias, terra, barro, pontos de táxis, pouco movimento. Havia muitas árvores, que hoje já não são mais vistas. A avenida era conhecida como fundo de quintal e as casas não tinham valor. Não dava mesmo para imaginar que a rua se tornaria a principal avenida da cidade, com fluxo médio de 10 a 12 mil veículos diários, de acordo com a Guarda Municipal.

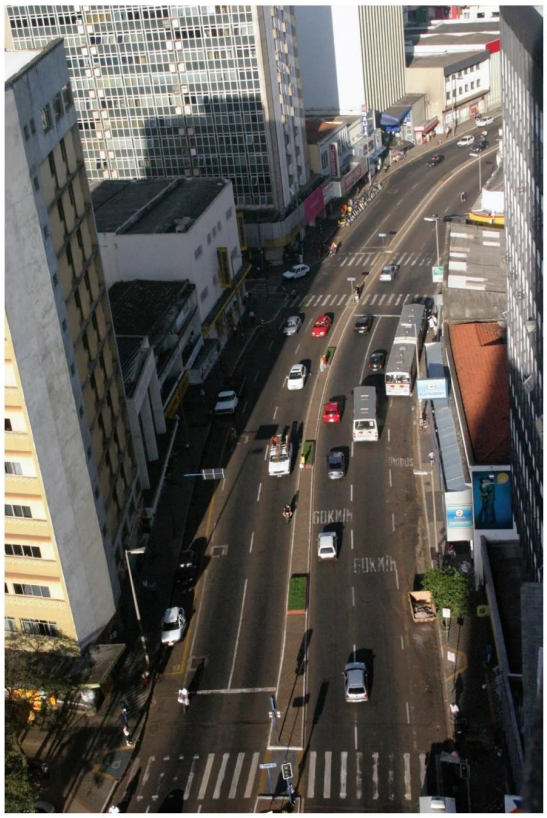
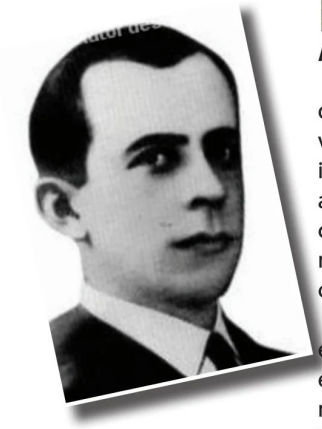


Foto: Arquivo PMU

A Leopoldino de Oliveira tem fluxo médio 10 a 12 mil veículos/dia



Leopoldino de Oliveira

O córrego foi canalizado e a divisão de toda a avenida é feita por canteiros. Essa é a nova Leopoldino de Oliveira, batizada com esse nome em 1938.

Considerado o idealizador da abertura da avenida, que hoje leva seu nome, Leopoldino de Oliveira nasceu em Uberaba, em 1893. Foi advogado, professor, diretor do colégio Rio Branco e colaborador dos jornais Lavoura e Comércio, Gazeta de Uberaba e A Separação. Foi também redator do jornal Estado de Minas, em Belo Horizonte, enquanto cursava Direito. Em Uberaba, atuou ainda como vereador na Câmara, ocupando a presidência e o cargo de agente executivo, hoje, o mesmo que prefeito. Como deputado federal, liderou, com alguns parlamentares, campanha oposicionista que empolgou o país, tornando-se nome nacional.

Leopoldino faleceu em 1929. "Ele fez uma verdadeira revolução, estabelecendo concurso para professor, coisa que não era usual, demitiu funcionários públicos que não trabalhavam e estavam lá de favor", ressalta o advogado, historiador e escritor Guido Bilharinho. "Pode-se falar com toda tranquilidade que Leopoldino foi um gênio", completa.

A rua do comércio

Cruzando a Leopoldino, surge uma rua extensa que atravessa dois bairros: o Centro e o Boa Vista. Sua pavimentação era de paralelepípedo, vulgarmente chamada de pé de moleque. A maioria das construções térreas era de alvenaria, tijolo assentado no barro. As casas apresentavam madeira para portas e janelas, telhados altos, a fiação da rua era conduzida por postes e havia pouco movimento de veículos. O semáforo era no meio da via, sustentado por uma coluna. A Rua do Comércio, como era popularmente conhecida, passou a se chamar Artur Machado, em 1916. O Calçadão só veio, em 1994. Hoje, a fiação é subterrânea, os semáforos se equilibram em postes e o movimento de carros é intenso.

Com saudades, o cabeleireiro Saulo Castelo Branco, de 72 anos, que manteve um salão na Artur Machado por 46 anos, se recorda de quando estacionava o carro em frente ao estabelecimento, hoje

Fotos: Arquivo Público

Artur Baptista Machado

issuu-downloader.com

Rua Artur Machado, vista de seu início, a partir da Praça Rui Barbosa

Calçadão. "Eu gostava demais daquele lugar, mas depois que construíram o Calçadão, acabou para mim. Não gosto nem de ir passear, porque virou bagunça, com muitos gritos e tumulto", lamenta.

Ainda quando era rua, o cabeleireiro atendeu várias pessoas importantes, como os políticos Garotinho, Lula, Pimenta da Veiga e o ator Raul Cortez. Há cinco anos, Saulo transferiu o salão para a Rua Vigário Silva.

Jorge Antonio Frange

A personalidade que dá nome à rua que povoa as lembranças de Saulo, nasceu em 1870. Artur Baptista Machado era proprietário de um comércio de secos e molhados, com armazém situado na esquina da Praça Rui Barbosa. Foi também pecuarista e chegou a importar gado da Índia. "Artur era uma pessoa muito querida na cidade, um sujeito muito dado e prestativo. Dedicava-se à caridade pública e também tinha um grande nível intelectual", afirma Guido Bilharinho.

Líder político e vereador, Artur Machado pertencia ao Partido Republicano Mineiro 'Araras'. Fundador da Casa Misericórdia (Santa Casa), hoje incorporada à Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Artur Machado faleceu no Rio de Janeiro em 1914, quando se dirigia à Europa para tratamento de saúde.

Praça da rodoviária

No alto de uma das colinas de Uberaba, onde hoje se encontra o bairro São Benedito, está situada a praça que abrigou o Terminal Rodoviário, até 1972. Mais conhecida como Praça da Rodoviária, a pavimentação era de blocos de concreto assentados na areia. O grande relógio já estava ali, por causa da rodoviária. Em 1957, passou a ser denominada Praça Jorge Frange.

De reconhecido espírito filantrópico e dedicado às causas sociais de Uberaba, Jorge Antônio Frange nasceu em 1899. Formou-se em Medicina, no Rio de Janeiro, e atuou em Uberaba como clínico geral. Foi um dos fundadores da Casa da Saúde Santa Rita, atual São José, onde mantinha um consultório médico. Foi professor na Faculdade de Medicina do Triângulo Mineiro e nas Faculdades de Direito e Odontologia de Uberaba.

A família ficou surpresa quando a praça ganhou o nome do médico, pois não esperava tal homenagem e reconhecimento público.

O filho de Jorge, Frederico Alonso Frange, de 77 anos, ainda se recorda da boa relação com o pai e das conversas. "Ele educava sem violência, apenas com conversa e havia aconchego".

Como empreendedor, Jorge Frange contribuiu com iniciativas destinadas à industrialização municipal, como a fundação do Latícinios Triângulo e uma fábrica de sabão. Político militante, inspirado em ideal cívico e patriótico, ele foi também vereador na Câmara Municipal de Uberaba. Além de ser um dos fundadores e presidente do Clube Sírio Libanês, atuou na diretoria do Jockey Club Uberaba. Faleceu em 1955, de câncer no pulmão. "Ele era muito querido pelos pacientes. Naquela época, os médicos eram polivalentes e meu pai fazia muita caridade, tanto que tinha uma clínica muito grande, mas morreu pobre. Atendia quem podia e

Foto: Eduardo Fachetti

A Praça Jorge Frange abriga, aos sábados, a tradicional Feirarte

issuu-downloader.com

quem não podia pagar. Não tinha distinção", conta Frederico Frange.

Urbanizando com o tempo

Antes era uma estrada, depois passou a ser uma rua sem asfalto e mal iluminada, com muita poeira.

Ligava o bairro Abadia até o Matadouro Industrial (MIUSA). Algumas casas estavam desalinhadas, avançando na rua. Hoje, a Orlando Rodrigues da Cunha é iluminada, com esgoto, asfalto, muito movimento de veículos, pessoas e comércio. É uma das principais avenidas de um dos maiores bairros de Uberaba, o Abadia.

Empresário arrojado, ousado e de grande visão, Orlando Rodrigues da Cunha nasceu em 1899. Participou da exportação de gado zebu para o México e Estados Unidos. Inaugurou, em sociedade com outros empresários, o Cine Teatro São Luiz, o Grande Hotel, o Cine Metrópole e o Cine Teatro Vera Cruz. O filho de Orlando, Hugo Rodrigues da Cunha, diz que a relação dele com o pai era maravilhosa.

Orlando Rodrigues da Cunha

Após se formar em Economia, em São Paulo, Hugo voltou a Uberaba e foi trabalhar com Orlando na direção dos três cinemas e do Grande Hotel.

"Ele era um homem de ação, enérgico, de muita vitalidade, realizador, mas, ao mesmo tempo, delicado. Sempre caminhou na frente com suas iniciativas. Amava Uberaba. Nunca aplicou recursos fora daqui e tinha desejo pelo progresso", lembra.

Orlando Rodrigues da Cunha construiu ainda, junto com um grupo de amigos, a Rádio PRE-5, a 5ª rádio que surgiu no país (atual Rádio JM). Participou da sociedade que criou o laticínio, moderna usina de pasteurização e engarrafamento de leite, hoje Coopervale.

Foto: Marcelo Lemos

Cruzamento da Avenida Orlando Rodrigues da Cunha com a Rua Guararapes

Em 1958, teve um Acidente Vascular Cerebral (AVC), ficou paralítico e perdeu a voz. Depois de algum tempo, fazendo exercício de reabilitação, recuperou os movimentos e voltou ao trabalho na Cia. Cinematográfica.

Orlando foi também presidente do Jockey Club de Uberaba e da Sociedade Rural do Triângulo Mineiro (ABCZ). Faleceu em 1972. "Mesmo quando ficou paralítico, ele nunca perdeu o otimismo. Não voltou a falar, mas recuperou os movimentos. Nunca manifestou uma queixa e nem chorou", ressalta o filho Hugo.

De acordo com o historiador Guido Bilharinho, o importante não é a construção do Teatro São Luis, mas sim como Orlando fez. "Os cinemas de Uberaba eram muito precários. Às vezes, as pessoas tinham até que levar a cadeira de casa, mas veio o Orlando e colocou um dos mais modernos do mundo. Ele comprou aparelhagem de última geração, contratou arquiteto e decorador em São Paulo e comprou todo mobiliário lá. Foi a coisa mais luxuosa e um espanto para Uberaba quando inaugurou. Era a mesma coisa que entrar no Teatro Municipal do Rio", enaltece Bilharinho.

Câmara Municipal define quem será homenageado

A escolha de quem nomeará os lugares públicos de Uberaba é feita pela Câmara Municipal.

O vereador apresenta o projeto e a Câmara vota, de acordo a importância com que cada pessoa teve na cidade.

O memorialista Guido Bilharinho explica que antigamente era comum homenagear personalidades e, depois, trocar o nome do logradouro pelo nome de outra pessoa.

"Isso era vexaminoso e até afrontoso para a família, por isso a lei orgânica de 1990 proibiu tal troca", enfatiza.

Agora só se pode alterar as ruas batizadas com letras e números.

Recentemente, o vereador Tony Carlos sugeriu que o prolongamento da avenida Claricinda Alves Resende ganhe o nome do médium Chico Xavier. Para o vereador, é importante valorizar pessoas que foram importantes e atuantes na cidade, como também o político e escritor Mário Palmério, dentre outros que ainda não nomeiam nenhuma via de Uberaba.

O historiador Guido Bilharinho também defende essa iniciativa. Ele ressalta que é um registro que chama a atenção permanentemente das novas gerações, despertando a curiosidade de saber quem foram essas pessoas e o que as mesmas fizeram.

issuu-downloader.com

Fim da tradição

Porque os clubes estão em decadência

Rona Abdalla
4º período de Jornalismo

A história de Uberaba está diretamente ligada aos grandes bailes realizados nos clubes da cidade. Os espaços luxuosos eram o ponto de encontro da elite, quando a economia da cidade estava voltada para o zebu.

Mas as histórias dos clubes não estão relacionadas somente aos encontros da alta sociedade. As sedes bem equipadas com piscinas, quadras, saunas, parques para as crianças, eram sinônimos de alegria.

Jockey Club, Sírio Libanês, Uberaba Tênis Clube, Elite, Uberaba Country, Uirapuru late Clube e Nacional Uberaba compunham a lista de clubes sociais do município. Embora só dois tenham fechado as portas, os demais passam por dificuldades financeiras.

> "Hoje em dia as pessoas têm piscina em casa, não precisam mais sair para ir ao clube

Foto: Arquivo Jockey Club

Os bailes recebiam convidados como o presidente Juscelino Kubitschek

Com dívidas altas e espaços em situações precárias, clubes como Uberaba Tênis Clube e Sírio Libanês tentam se reestruturar.

Para o historiador Gilberto Caixeta, a decadência dos clubes da cidade se dá devido à mudança de comportamento da população. "A partir do momento em que começou a existir condomínios fechados, as pessoas deixaram de frequentar esses espaços", opina Caixeta.

Para ele, houve uma quebra de comportamento. "A questão de gênero e etnia têm esvaziado os espaços que eram utilizados pelos grupos eleitos burgueses", explica o historiador.

A história do Jockey

Com 71 anos de história, o Jockey Club promovia bailes para a alta sociedade e era famoso não só em Uberaba. Frequentado por figuras importantes da sociedade, entre socialites e políticos, o destaque ficava por conta dos que vinham de fora, especialmente para o baile, como os ex-presidentes Juscelino Kubitschek e Getúlio Vargas.

O clube, fundado em 1938, funcionou até meados de 2009, quando fechou a sua sede no centro da cidade devido a uma crise financeira. Parte da sede que era cenário dos eventos está alugada para a prefeitura da cidade. Só a sede campestre, localizada na outra ponta da cidade, está em funcionamento. O número de funcionários caiu de 110 para 75. O Jockey Park conta com mais de 7500 associados, entre titulares e dependentes, que pagam de R$63 a R$170 reais mensais. O espaço é palco para shows e festas próprias e locado para terceiros.

José Marcos Leão assumiu a presidência há dois anos e acredita que o fechamento do clube na Rui Barbosa foi uma boa ação. "A situação chegou ao limite. Estávamos trabalhando sempre no vermelho e, para evitar um mal maior, decidimos fechar", explica o presidente.

Segundo ele, o que alavanca a crise é o fato de as pessoas terem piscina em casa e não precisarem mais sair para o clube.

Surgimento do UTC

Quando surgiu na cidade, em 1943, o Uberaba Tênis Clube, fundado pelo Governo do estado de Minas Gerais, inspirado nos moldes dos clubes ingleses, chamou a atenção da população.

O UTC, como também é conhecido, chegou a ter cerca de 6500 associados, que frequentavam as piscinas, de segunda a segunda, e também não perdiam as festas promovidas pelo clube, incluindo os carnavais com quatro dias e noites de folia.

O clube teve a desapropriação assinada pelo pre-

O Jockey Club atualmente mantém apenas sua sede campestre, com média de 7500 sócios

issuu-downloader.com

feito, em 2008, quando em um levantamento feito pelo presidente do clube, José Natale de Oliveira, foi detectado déficit de mais de R$45 mil reais, contando com salários atrasados e acertos trabalhistas.

José Natale conta que foi uma fase ruim e que, atualmente, a situação está sendo revertida. "Não devemos mais a ninguém", diz o presidente.

Em 2010, o clube reabriu as portas com um total de R$50 mil em caixa, sendo R$30 mil doados por um empresário, que prefere não revelar o nome, e os outros R$20 mil arrecadados em eventos realizados pelo clube. O dinheiro foi investido na reforma de salões, piscinas e quadras esportivas.

Atualmente, além realizar alguns bailes para a terceira idade e festas, o UTC serve também para treino de alguns grupos específicos de esporte. O quadro de funcionários diminuiu bruscamente. O clube que empregava 25 colaboradores, hoje, conta com apenas quatro.

"Alguns clubes entram em decadência porque não se preocupam em atender o sócio naquilo que ele busca: banheiros e piscinas limpos, o bom atendimento da parte dos funcionários. Se o sócio não for bem tratado, ele não volta", enfatiza José Natale.

O Sírio de hoje

Mauro Abud foi presidente do Clube Sírio Libanês por dois anos. Assumiu a presidência em 1995, época em que os bailes de carnavais eram o principal atrativo do clube. Mais de 900 sócios desfrutavam do espaço e das festas realizadas.

Assim como os demais presidentes, ele acredita que a decadência dos clubes se dá devido à mudança de hábitos. "Alguns pontos cruciais é que hoje a população opta por um lazer mais pessoal, rancho, fazenda e etc", explica Mauro.

Sobre os carnavais que não fazem mais tanto sucesso na cidade, Mauro acredita que haja apenas um motivo: "o carnaval de salão se transformou em carnaval de rua".

Foto: Arquivo Jornal da Manhã

Atualmente o UTC proporciona diversão para a terceira idade

> "O carnaval de salão se transformou em carnaval de rua

Presidente do Clube Sírio Libanês há pouco mais de cinco anos, Luís Fernando Trevisani disse recentemente em entrevista que o clube tenta abater a dívida de mais de R$1 milhão. "Renegociamos o IPTU com a Prefeitura Municipal de Uberaba, que instalou o Programa de Educação em Tempo Integral (Proeti) em nossas dependências. Há uma dívida de R$ 60 mil com a Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig), que também queremos renegociar. Para o Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), o Sírio deve R$ 1 milhão", contou o presidente.

Ainda na entrevista, Trevisani conta que, na intenção de tentar melhorar a situação do clube, algumas atitudes tiveram que ser tomadas, dentre elas, o fim da venda de títulos para sócios. "Hoje, temos cerca de dois mil sócios remidos e 1500 contribuintes, sendo 60% destes, inadimplentes. A mensalidade de um título contribuinte varia entre R$35 e R$100. Quando cheguei, havia 52 funcionários. Hoje, há oito", explica Trevisani.

Elite Clube vive a precariedade

Foto: Rona Abdalla

Elite Clube traz marcas do abandono

Criar um espaço decente para que os cidadãos da raça negra de Uberaba pudessem desenvolver atividades culturais foi o que motivou o surgimento do Elite Clube, em 1964, durante a ditadura militar.

O clube, idealizado por Alaor Amâncio, Alceu Amâncio, Waldemar Basílio, Oliveiro Nery, José de Araujo, José Inácio e J. Benedito Chagar, marcou a história da cidade.

As primeiras reuniões do grupo eram realizadas em suas próprias residências, até que o então presidente da ABCZ (Associação Brasileira dos Criadores de Zebu), Arnaldo Prata, cedeu, o salão de festas da sede da associação, localizada na Rua Coronel Manoel Borges, para que as reuniões pudessem ser mais organizadas.

O primeiro evento promovido pelo grupo aconteceu na Associação Musical Uberabense, com boa aceitação do público da cidade. Logo após, inauguraram o clube, na Rua Tristão de Castro, e, em 1980, oficializaram o Elite Clube, com sede própria na Rua Tupinambás.

No auge do clube, chegaram a receber cerca de dois mil associados e, por 40 anos, mantiveram a estrutura com o que arrecadavam.

Atualmente, a sede da Rua Tupinambás se encontra em situações precárias. A piscina, que antigamente servia para lazer e esporte de famílias, está vazia e suja. O salão onde aconteciam eventos, bailes de carnaval e festas temáticas, está encoberto pela poeira e folhas velhas.

A vidraça da porta está quebrada e a entrada, que há poucos anos foi reformada, hoje serve de abrigo para andarilhos. Embora a situação seja de total abandono, a história do Clube é repleta de ousadia e luta.

issuu-downloader.com

Voluntários dedicam tempo aos animais

Projeto Universidade Amiga dos Animais acolhe os cães que vivem na Uniube

Fotos: Arquivo Pessoal

Cães estão há mais de dois anos no canil e não foram adotados

Ana Clara Rodrigues
4º período de Jornalismo

Em fevereiro de 2009, quando começou a trabalhar na Universidade de Uberaba, na Educação a distância - EAD, Áurea Beatriz percebeu a quantidade de cães que vivia no campus.

Amarelo, branco, preto, rajado, todos de cores, tamanhos e de personalidades diferentes chamavam sua atenção. Certa vez, uma cadela preta, de porte médio, deu a luz no bloco Y e Áurea começou a cuidar dela e de seus filhotes.

Passados dois dias, ela descobriu que havia um canil na universidade e levou a cadela e sua cria para lá. O lugar, apesar de sujo, era tranquilo.

Áurea conseguiu doar todos os filhotes, mas, em momento algum, deixou de cuidar de Preta. Nas férias, ela ficou com dó de deixar a cadela sozinha e, então, a levou para o apartamento de sua mãe. "Um animal meigo, dócil, obediente e lindo".

Depois de adotar Preta, ela descobriu que na Uniube havia o projeto Universidade Amiga dos Animais, elaborado pelo professor do curso de Medicina Veterinária, Cláudio Yudi. Áurea, então, passou a cuidar dos animais da instituição como voluntária.

"Meu amigo Luiz Fernando me ajudou. Marcamos um mutirão da limpeza e, assim, limpamos os cinco canis. Tinha muito rato e escorpião", conta Áurea.

Voluntários não medem esforços para cuidar dos animais

No canil, já existia outra Preta, que sempre viveu lá com animais peçonhentos, graças aos cuidados da aluna de Veterinária Maíra Medeiros, que até hoje é voluntária do projeto.

Um dia, o vigilante da universidade, José Antônio, chamou Áurea porque um dos cachorros soltos no campus estava doente. Não conseguia nem ao menos andar. Ela colocou o cão em um carrinho de obra e o levou até o canil. Em seguida, Leão foi encaminhado para o Hospital Veterinário. Com suspeita de botulismo, ficou um mês sem andar.

A proprietária de uma sorveteria instalada na Uniube, Solange Santana, passou a cuidar de Leão. Comprou fraldas para o cão e um dia o levou para fazer fisioterapia. Áurea se lembra que Solange ficou o domingo inteiro com ele nessa sessão especial. "Com sua chegada, descobri que ele já tinha um anjo, que se chama Solange", diz Áurea, frisando que a empresária tornou-se voluntária do projeto.

Em setembro de 2009, o professor Cláudio convocou o grupo para uma reunião e disse que poderiam adotar o projeto Universidade Amiga dos Animais e que teriam livre acesso ao Hospital Veterinário.

As voluntárias Áurea, Maíra e Solange passaram a pedir sacos de ração e alimentar os cães da instituição. Quando não podem estar no canil, contam com a ajuda de outras voluntárias.

O canil possui dispensa, onde ficam os materiais de limpeza e os sacos de ração que recebem por meio de doações. "Graças a Deus, sempre temos pessoas que nos ajudam com ração e que ligam querendo adotar nossos cães e filhotes... Hoje, nosso maior sonho é quem todos levem um animal para casa, pois só quem tem um cão sabe a alegria e amor verdadeiro que ele nos passa", declara Áurea.

Joca foi adotado pela estudante de Fisioterapia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Fabiana Lavezzo. É um cão de aproximadamente dois anos, de porte grande, muito brincalhão e carinhoso.

Fabiana tomou conhecimento do projeto por meio de uma professora e decidiu adotar Joca devido ao grande número de assaltos na região de sua residência. Ela diz que foi uma bela surpresa, "Eu esperava um cão de guarda para minha proteção e de minha família e acabei ganhando um grande amigo, pois o Joca é um cachorro alegre, brincalhão, amoroso e muito inteligente. Ele é a alegria da casa", completa Fabiana.

Quem quiser fazer doações ou adotar um animal do Projeto Universidade Amiga dos Animais, basta ligar para Áurea Beatriz, no telefone (34) 3319-8840.

issuu-downloader.com

Adolescentes se identificam com a magia de Harry Potter

Para especialistas, a saga aborda temas pertinentes a vida real, como amizade e rivalidade

Annelise Foroni
4º período de Jornalismo

A saga do bruxinho mais famoso do mundo chegou ao fim, após a publicação dos seus sete livros e oito filmes. Harry Potter foi escrito pela britânica Joanne Kathleen Rowling. Mundialmente, o livro da série vendeu mais de 450 milhões de exemplares, até julho de 2011. Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2 tornou-se a maior bilheteria da série e a 3ª maior da história do cinema. Para os fãs, foi difícil superar o fim de Harry Potter, ainda mais para quem acompanha desde criança.

imagem: brothercapas.blogspot.com

O estudante de Publicidade e Propaganda, Bruno Henrique da Silva, de 18 anos, é literalmente apaixonado pela série. "Eu tinha oito anos e Harry Potter foi o primeiro filme que vi no cinema. Só por isso já foi importante, mas o que mais marcou foi o simples fato da série me aproximar do que toda criança mais busca: a fantasia", lembra.

Para ele, a infância e a adolescência são períodos em que se absorve muitas coisas, trazendo diferentes aspectos da saga para a vida real, como: o verdadeiro significado da amizade, nunca desistir daquilo que se quer e que, apesar de as coisas parecerem perdidas, sempre é possível dar a volta por cima.

O estudante tem todos os livros, filmes e cerca de 120 revistas e álbuns de figurinhas, além de uma fantasia, que é a réplica de uma roupa usada por Harry, no 4º filme. Antes da estreia da última parte, reviu cinco vezes cada filme da saga.

"Existem pessoas que são muito emocionais e não é só na maneira de demonstrar afeto aos ídolos. Geralmente, estas pessoas que fazem loucuras por seus ídolos são pessoas que, de uma maneira geral, são extremas e intensas em sua forma de relacionar", examina o psicólogo especializado em Psicoterapia Psicanalítica, Joaquim Alberto Jorge.

> "já fiz loucuras, como passar um dia e meio sem comer nada lendo o último livro

Para o psicólogo, o fascínio pela série se explica pela aventura, na qual o personagem principal sai do mundo real para viver num mundo fantástico, irreal e mágico. Segundo ele, mesmo no mundo mágico, a série aborda temas reais, pertinentes à adolescência e à vida de uma maneira em geral, como, amor, amizade, competição, rivalidade, ambição, covardia, coragem, escolha, preconceito, crescimento e responsabilidade, levando os jovens a fazerem uma identificação com os personagens. "Este tipo de história é muito mais importante para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes do que se pode imaginar, porque os diverte, e também esclarecem sobre si mesmos, favorecendo o desenvolvimento da personalidade. São histórias com profundos significados psicológicos que nem sempre são alcançados através de uma compreensão, mas sim de um devaneio ou de uma fantasia", explica Joaquim.

Graduado em Ciências Sociais, Linguística e Capacitação em Filosofia, Orlando Coelho afirma que os filmes e livros da saga Harry Potter fornecem compreensões explicativas para o mundo atual. "O cinema, o teatro e a literatura são ferramentas que nos permitem compreender o homem, a sociedade e suas crenças. Quer analisemos o contexto histórico no qual foram criados, quer saibamos dos posicionamentos dos autores frente às grandes

issuu-downloader.com

Foto: Annelise Foroni

No período de um mês Bruno viu o filme Harry Potter 12 vezes

questões do mundo contemporâneo. Interpretar o vasto mundo simbólico, através das mensagens implícitas ou explícitas é tarefa gratificante para quem procura fazer dessas manifestações artísticas bem mais que um entretenimento", ressalta Orlando.

Além da paixão

Se dependesse da vontade, Bruno já teria feito várias loucuras, como ir para a Premiere em Londres, ou no Rio de Janeiro, quando o ator Tom Felton (Draco Malfoy, nos filmes Harry Potter) veio ao Brasil. "Tenho pais e eles muitas vezes colocam limites, mas já fiz outras loucuras, como gastar uma quantia considerável de dinheiro em coleções, ver o filme quatro vezes em um mesmo dia, chegar horas antes do início da primeira sessão, passar um dia e meio sem comer nada, deitado em uma cama fazendo a leitura do último livro", conta.

O psicólogo Joaquim ressalta que esse fascínio só será prejudicial se a pessoa acreditar e persistir em viver fora da realidade ou num mundo fantástico como o do Harry. "O personagem principal da saga tem que aprender o tempo todo a ultrapassar obstáculos mágicos, sociais e principalmente emocionais, pertinentes ao período da adolescência. Acredito que cada pessoa, jovem ou adulto, se identifica com algum aspecto da série ou com algum fato vivido pelos personagens, que faz sentido para seu mundo interno", enfatiza.

O último filme da saga esteve em cartaz por um mês e nesse período Bruno assistiu 12 vezes, ficando mais de seis horas na fila da estréia, já que estava previsto para começar à 0h01 e ele chegou às 17h30. "Durante as primeiras sessões, me emocionei, ri, chorei e aproveitei ao máximo, pois sabia que aquelas seriam as últimas vezes que veria um filme inédito de Harry Potter no cinema. Porém, sai feliz da primeira sessão, pois percebi o quanto tive sorte por ter a possibilidade de acompanhar desde o início. Finalmente percebi que a saga nunca terá fim, pois assim como a própria autora disse, basta ler um livro, ou ver um filme para voltar ao mundo de Harry Potter, afinal, Hogwarts sempre estará lá para nos receber", conclui o fã.

De acordo com a gerência do Cinemais em Uberaba, durante o tempo de exibição do último filme da saga Harry Potter, de 15 de julho a 11 de agosto, o público foi de aproximadamente 17.500 pagantes, com lotação das salas na primeira semana que esteve em cartaz.

Imagens: matvinielemerese.blogspot.com

Fã desencanta da série, mas encontra outra que o fascina

Mas nem todos sentirão falta de Harry Potter. Lauro Lúcio Pessato, de 18 anos, amava a série, porém com o surgimento de uma nova saga, esse amor foi transformado. "Quando a gente é mais novo, tem um olhar ingênuo sobre tudo. Conforme vamos crescendo e adquirindo maturidade, passamos a analisar as coisas com um olhar mais crítico e perceber que as flores que pareciam tão naturais não passavam de plástico. Na época em que o livro Enigma do Príncipe estava prestes a ser lançado, meu interesse pela série já não era o mesmo de antes, embora não soubesse ao certo o porquê. Por fim, minha admiração por Harry Potter findou quando eu conheci a série As Crônicas de Nárnia", declara o estudante de Letras da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM).

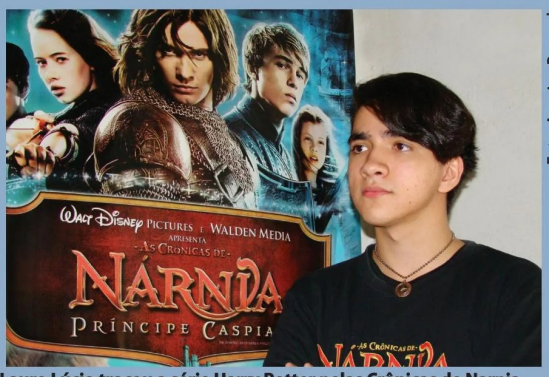


Foto: Arquivo Pessoal

Lauro Lúcio trocou a série Harry Potter pelas Crônicas de Narnia

O psicólogo Joaquim explica que é provável que Lauro tenha encontrado nesta nova série aspectos mais pertinentes à elaboração de seus conflitos internos. "São alguns elementos que o auxiliaram na identificação e elaboração de alguma coisa que não estava bem resolvida", analisa.

issuu-downloader.com

Lei da Fiança causa polêmica

Especialistas garantem que a legislação beneficia só alguns

Izabel Durynek
4º período de Jornalismo

No escritório da construtora MRV, na avenida Prudente de Morais, cinco homens furtaram três notebooks, um aparelho celular e R$ 400 em dinheiro, no dia 30 de julho.

Mesmo com o flagrante, eles não foram presos. Quatro dos cinco comparsas foram liberados após pagamento de fiança arbitrada pelo delegado de plantão. Um dos homens, de 21 anos, pagou R$ 5.545,00 e vai aguardar julgamento em liberdade. Em outro caso distinto, outro homem de 27 anos acabou preso em flagrante, agredindo a companheira, e foi enquadrado na Lei Maria da Penha, em 16 de agosto. A fiança foi estipulada em dez salários mínimos, porém o acusado aguarda julgamento na penitenciaria Aluízio Inácio de Oliveira por não ter condições financeiras para arcar com o custo.

Esses dois casos ilustram a Lei da Fiança, em vigor no Brasil desde 4 de julho deste ano, alterando o Código de Processo Penal (CPP), de 1941.

Conforme dados da Polícia Civil de Uberaba, desde que a lei entrou em vigor, 61 pessoas foram detidas e liberadas após pagamento de fiança. Dentre elas, 14 por porte ilegal de armas, 17 por dirigir embriagadas, 14 por furto, cinco por constrangimento ilegal, quatro por transporte irregular de passageiros, um por violação de direito autoral, dois por receptação, um por não socorrer vítima de trânsito e um por lesão corporal.

O professor de Direito Penal e Processo, advogado criminalista Widson Dantas, alega que existem, no ordenamento jurídico do país, dois tipos de prisão. A prisão penal, que é expedida pelo juiz após o julgamento, e a prisão cautelar, que consiste na prisão do acusado antes do julgamento. Segundo ele, acontece uma confusão entre as duas formas. "O cidadão comum pensa que o indivíduo que comete um crime tem que ficar preso. A Lei da Fiança só vem reforçar a constituição de 1988, ou seja, prisão cautelar somente em último caso".

O professor de Direito Penal, advogado criminalista, Widson Dantas alega que ninguem é condenado antes de ser julgado

Widson diz que quando o indivíduo comete um crime com pena de até quatro anos de prisão, o próprio delegado pode arbitrar a fiança, se for comprovado o flagrante delito. Já nos crimes em que a pena é superior a quatro anos, o juiz poderá arbitrar a fiança, podendo arbitrar ou não a prisão preventiva.

A delegada da Polícia Civil, Ludmila Perfeito, esclarece que, no caso do crime de furto, o delegado leva em consideração o prejuízo auferido pela vítima, para arbitrar o valor da fiança. No caso do delito de lesão corporal, praticado no contexto da violência doméstica e familiar (Lei Maria da Penha), a gravidade da lesão e os antecedentes criminais do autor influenciam no arbitramento do valor da fiança. "Na prática, o que acontecia e ainda acontece,é que pessoas autuadas em flagrante pela prática de certos crimes e que possuam residência fixa tenham ocupação lícita e não possuam antecedentes criminais, podem ser liberadas por meio de decisão judicial, sem que haja o pagamento de fiança, ainda que seja ou não possível o arbitramento de fiança pelo delegado de polícia."

Fotos: Izabel Durynek

A delegada Ludmila Perfeito defende que , na prática, o prejuízo da vítima é considerado para definir o valor da fiança

Nestes caso, o pedido é formulado por um advogado e o acusado responderá o processo em liberdade.

"Pode-se afirmar, então, que pessoas que tenham melhores condições financeiras são beneficiadas com a nova lei, uma vez que, efetuando o pagamento da fiança na delegacia de polícia, serão imediatamente colocadas em liberdade, ao passo que aquele indivíduo que não tenha condições de efetuar o pagamento deverá, por meio de advogado, solicitar ao Juiz liberdade provisória sem fiança, o que, as vezes, demanda alguns dias em razão do elevado número de processos."

Já o juiz de Direito, Wagner Guerreiro, explica que possíveis criminosos podem sim, ser presos em flagrante. O delegado faz a prisão e comunica ao juiz que pode reverter em prisão preventiva ou permitir que o réu aguarde o processo em liberdade.

"A lei foi criada porque o Estado não tem estrutura física de abrigar a quantidade de pessoas detidas diariamente".

Consta no Código Processo Penal, art. 323, que não será concedida a fiança nos crimes de tortura, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, racismo e terrorismo.

issuu-downloader.com

Palmada educa?

A lei que proíbe qualquer tipo de agressão divide opiniões até dos especialistas

Thiago Paião
7º período de Jornalismo

A Lei da Palmada, aprovada em 2006, proíbe a palmada e qualquer tipo de agressão física em crianças e adolescentes. A escolha pela inclusão desse direito específico no Estatuto da Criança e do Adolescente atende a essa finalidade, sem deixar dúvidas quanto à ilicitude do uso da violência de modo geral.

Educar uma criança não é uma tarefa simples, mas será que bater é a melhor solução para conseguir impor limites aos filhos? É válido quando já se tentou de tudo para corrigi-los?

Para a dona de casa Tânia Beatriz, mãe de três filhos, toda criança tem que ter limite, e se os pais não impuserem esses limites não terão como segurar seus filhos quando chegarem à adolescência e começarem a fazer coisas erradas. "Se você não bate, mais tarde a polícia está batendo no seu filho. Você tem que olhar e ficar calada", conclui.

A atendente de Informação, Débora Marçal, mãe de uma filha, diz tentar de todas as formas de ensinar a filha a respeitar os limites impostos por ela, mas quando não vê resultado, diz que a palmada é um recurso que não pode ser deixado de lado. "Eu abaixo ao nível dos olhos da minha filha e explico que não pode fazer aquilo porque ela pode se machucar, mas ela sempre volta a fazer. Eu tento o castigo, mas tem aquelas horas que o castigo não adianta. Só assim, eu dou umas palmadinhas", revela.

Fotos: Wilson Ferreira

Para a psicóloga Leila Wenceslau, a palmada não é a melhor saída

Na visão da psicóloga especializada em Psicomotricidade, Leila Wenceslau, os pais devem impor autoridade a seus filhos e definir limites de forma pacífica e construtiva. "A palmada, na visão da criança, tem efeito superior ao que nós adultos compreendemos. Somos maiores que eles e temos mais força. Isto já é uma questão que influi sobre a percepção da criança. O susto que ela leva ao receber a palmada, mesmo que seja leve, tem um impacto superior na mente dela", ressalta.

Foto: Thiago Paião

A dona de casa Debora Marçal questiona a aplicação da lei

A especialista em Direito da Família, Cláudia Cecílio, explica que este projeto de lei visa ao direito da criança ou jovem de ser educado sem o castigo corporal, ou seja, castigos de ação de natureza disciplinar ou punitiva com o uso da força física, que resultem em dor ou lesão.

Para os infratores, as penas seriam a advertência, encaminhamento a programas de proteção à família, orientação psicológica e, por fim, a prisão do agressor.

Para Cláudia, esse projeto não instituirá mudanças, pois esse tipo de definição já existe no Estatuto da Criança e do Adolescente. "Quando se fala em maus tratos, essa lei se encaixaria melhor com uma medida socioeducativa em relação à forma de educação que cada família constrói dentro de casa", explica.

Há quem diga que a Lei da Palmada irá tirar a autoridade dos pais, fazendo com que percam o controle dos filhos. A pedagoga, mestre em Educação, Glaura Paroneto, discorda, acreditando que o diálogo é a melhor forma de se instituir a disciplina com os filhos. "A palmada ou qualquer tipo de repreensão, como os gritos, não ensinam a criança a ter limites, mas o castigo não abusivo é a melhor forma de ensinar", afirma.

Opinião

"Sou contra a lei porque o pai tem de ter liberdade de corrigir os filhos".
Henrique Dornelas, estudante

"Sou contra. Os pais têm de ter o direito de corrigir os filhos de forma moderada".
Hendrix Borges, auxiliar administrativo

"Sou a favor a lei. Não acho certo bater. Se vai bater, por que ter filho, então?"
Décio Bragança, professor

"Sou contra a lei. Para mim, às vezes, os filhos precisam de uma palmada para aprender".
Maria Elnice, zeladora

issuu-downloader.com

Legalização da maconha volta à tona

A discussão começou em 2006, pelo deputado federal Fernando Francischini, mas agora conta com o apoio do ex-presidente da República, Fernando Henrique Cardoso

Wilson Ferreira
4º período de Jornalismo

Baseado na lei proposta em 2006, novo projeto de lei do Deputado Federal Fernando Francischini, apoiado pelo ex-presidente da República Fernando Henrique Cardoso, tenta, por meio de votação na Câmara Federal, a aprovação de um plebiscito. A proposta é saber se o povo é contra ou a favor da legalização da maconha.

Chamaremos de José da Silva um morador do bairro Leblon, que não quer se identificar. Ele relata que começou a consumir a maconha quando tinha apenas11 anos. Já faz 10 anos que ele fuma e diz não ser totalmente dependente.

Para ele, a legalização da maconha poderia ser uma forma para que o usuário não fosse visto como bandido, já que o cigarro e a bebida são drogas tão ou mais tóxicas que a maconha. "A primeira vez que experimentei a maconha foi através de amigos, que me ofereceram", conta.

Dona Azilda Pereira de Souza, moradora do bairro Parque das Américas, tem outra opinião. Ela explica que seus dois filhos estão presos por causa das drogas. A mãe diz não ver benefício algum para quem usa, e muitos traumas para a família. "Eu sofro mais do que eles. Cuido deles desde criança. A única família que eles têm sou eu", argumenta.

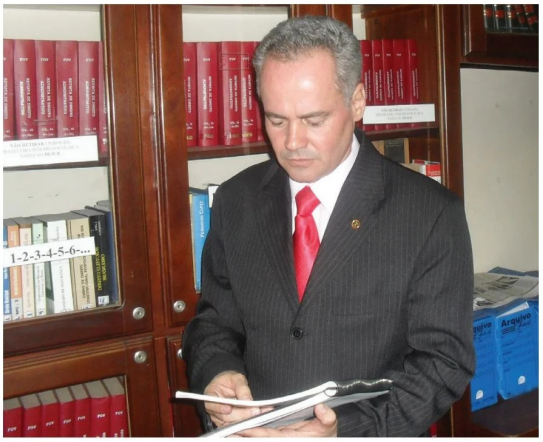
Para o promotor de Justiça, João Vicente Davina, a legalização da maconha, caso aprovada, não irá trazer nenhum benefício à sociedade, mas sim facilitar o tráfico em números maiores que os vistos hoje, beneficiando o crime organizado. "O crime organizado continuará vendendo desgraça que é a droga, pois a mesma acaba sendo uma ilusão para quem a consome".

O promotor João Davina afirma que 90% dos crimes contra o patrimônio público são cometidos por usuários de drogas

Segundo ele, 90% dos crimes praticados contra o patrimônio são cometidos por usuários de alguma substância química.

Para o advogado Marco Túlio Reis, a discussão desse tema deve ser de toda a sociedade, para se legitimar, a partir de um amplo debate entre todos os seus meios. Ele salienta que a sociedade, durante toda sua história, nunca ficou inerente a algum fator cultural como política, droga, religião.

De acordo com ele, qualquer droga, sendo lícita ou não, causa dano ao organismo. Ele entende que assim como as drogas lícitas, hoje vendidas em farmácias, foram submetidas a grandes discussões antes da aprovação, a maconha deveria passar pelo mesmo crivo de debates entre a sociedade a os políticos para que haja o entendimento, antes da votação sobre um plebiscito.



Fotos: Wilso Ferreira

Marco Túlio Reis acredita que é necessário um amplo debate

A diretora do curso de psicologia da Universidade de Uberaba (Uniube), Eliane Cordeiro, afirma que todo prazer tem que passar por um processo de controle e enfatiza que a maconha apresenta a dependência psicológica.

Para a psicóloga e farmacologista Marilei Silva, a legalização da maconha é um tema para ser discutido entre a sociedade e seus jovens. A família, segundo ela, tem receio de falar com os filhos sobre esse tema por medo de que eles possam chegar a usar a droga, justamente por ser proibida.

Marilei enfatiza que estudos realizados recentemente provaram que a maconha contém 70% a mais que os mesmos agentes químicos contidos no cigarro. "Será que a legalização da maconha não seria de interesse econômico. São muitas as variáveis que devem ser levadas em consideração antes de nos posicionarmos a favor ou contra", esclarece Marilei.

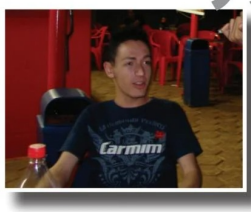
Para o responsável pela Comunicação Organizacional da Polícia Militar de Uberaba, Luiz Cláudio Faria, a legalização da maconha pode causar um caos na área de segurança pública. "O usuário não tem a devida assistência social que necessita". Ele também descarta a maconha para uso medicinal porque, segundo ele, o Brasil não tem como fiscalizar a distribuição.

issuu-downloader.com

Opinião

" Sou a favor porque, se legalizar não haverá tanta guerra".
Renata Prado, estudante de Tecnologia de Produção Sucroalcooleira

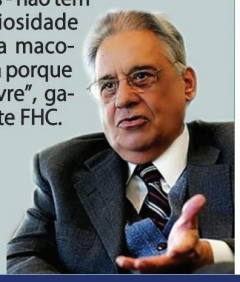
" Sou a favor, desde que haja liberdade, com responsabilidade".
Marco Antônio, contador



"Sou contra. Já é fácil o acesso. E legalizando vai facilitar para quem nunca usou, usar ".
Alexandre da Silva, estudante Medicina Veterinária

FHC defende a legalização da maconha

O ex- presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, defende a regulamentação da maconha.
No filme Quebrando o Tabu, dirigido por Fernando Grostein Andrade, além de FHC, os ex-presidentes de outros países - Bill Clinton, dos EUA, Ernesto Zedillo, do México, Cesar Gaviria, da Colômbia, relatam como falharam em suas políticas sociais e por que hoje defendem a legalização da maconha.
Em entrevista ao Fantástico, da Rede Globo, Fernando Henrique disse que não houve implementação de suas ideias enquanto presidente da república. "Primeiro porque eu não tinha a consciência que tenho hoje. Segundo, que eu também achava que a repressão era o caminho", conta.
Para ele, a guerra contra as drogas, iniciada há 40 anos, é uma guerra fracassada, pois são gastos bilhões de dólares para se fazer a repressão da mesma, mas o consumo e a violência crescem a cada dia. "As armas constantemente recolhidas dos traficantes no Rio de Janeiro são a prova de que a polícia trabalha enxugando gelo. É preciso ir além das apreensões de drogas e do combate aos traficantes".
FHC defende que cada país tem de buscar um caminho para levar essa discussão a todos: ver que o usuário é um doente e não um criminoso.
"Na Holanda, a maconha é regulamentada, ou seja, o consumo é livre, mas você não pode consumir nas ruas ou vender fora dos locais definidos. Os meninos de colégio – eu conversei com eles - não têm curiosidade pela maconha porque é livre", garante FHC.



Sete anos de mistério

Suposto esqueleto de extraterrestre é identificado como humano

Rafaell Carneiro
4º período de Jornalismo

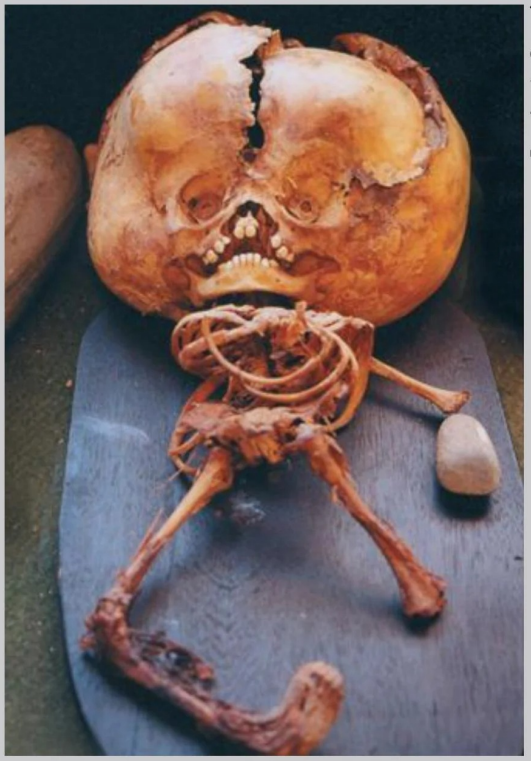


Foto: Arquivo Pessoal

Esqueleto exposto no museu de história natural

Em 2004, o jornalista Paulo Nogueira, com seus 35 anos de pesquisas relacionadas a discos voadores, recebeu uma ligação dos curadores do Museu de História Natural Wilson Estevanovic, localizado no bairro Fabrício, em Uberaba.

Ao chegar, Paulo deparou-se com uma figura estranha. Com 50 centímetros de altura, cabeça medindo o dobro do tamanho do corpo, havia uma rachadura no meio do crânio. Os olhos eram disformes e possuía seis dedos nos pés.

Paulo, ao analisar aquela figura, pensou que se tratava de um achado de extrema importância ufológica e realizou testes de radiografia e tomografia computadorizada, com a finalidade de identificar aquele ser. Tirou fotos e levou consigo na esperança de encontrar um profissional que reconhecesse o caso. "O que me levou a prosseguir com esta pesquisa foi a busca pela verdade. Nós sempre devemos procurar pela ciência para responder as questões que desafiam nosso senso de percepção. Ufologia é uma atividade séria," afirma Paulo.

Só no último mês de setembro, após sete anos de investigação, ele conseguiu uma resposta definitiva para desvendar a história. O professor, doutor em Genética na USP (Universidade de São Paulo), João Monteiro de Pina Neto, observou o material e desmistificou o assunto. "Trata-se de um ser humano portador de uma doença chamada nanismo tanatofórico, que atinge o esqueleto por causa de uma mutação que altera o gene responsável pelo crescimento dos ossos", explica João.

O proprietário do esqueleto, Wellington Estevanovic, que não mantêm mais o museu em funcionamento, disse tê-lo recebido como herança de seu pai, lacrado em uma caixa, aberta apenas após o seu falecimento. Ele afirma também que nunca reconheceu que se tratava de um extraterrestre de fato, atribuindo o interesse da pesquisa aos ufólogos.

Ao descobrir a verdade, Paulo conta como se sentiu: "Apesar do choque inicial, eu já desconfiava de que a figura fosse humana. Com essa resposta, senti meu dever cumprido. A Ufologia está aí para desmistificar o que é falso e levantar perguntas sobre outras formas possíveis de inteligência," conclui.

issuu-downloader.com

Terapia põe família no divã

Técnica de auto-conhecimento ajuda na busca por solução de dramas familiares

Danilo Lima
6º período de Jornalismo

O diálogo, por muitas vezes, foi a única saída para resolver os problemas familiares, mas um método chamado Constelação Familiar, desenvolvido pelo psicoterapeuta e filósofo alemão, Bert Hellinger, pode ser um caminho para entender a real causa de todos os transtornos no ambiente familiar.

Baseada na ideia da herança da carga morfogenética proveniente dos pais, que reforça padrões comuns, crenças e até mesmo repetições de histórias (felizes ou tristes) dentro da família, a Constelação Familiar se propõe a identificar, de forma clara e consciente, o que está acontecendo, podendo resolver os conflitos a partir da escolha interna de cada um.

O cliente, chamado de constelador, precisa se concentrar e deixar de lado aqueles velhos valores e crenças que, com o tempo, tornaram-se problemas.

Segundo o professor de Física e Yoga, terapeuta ayurvedico e especialista em Constelação Familiar, Mário Lúcio Silva, que desenvolve o trabalho há mais de 10 anos, o método trata dos emaranhados familiares. "Lidamos, em especial, com aqueles problemas que geram repetições de destinos inconscientes, procurando observar como certos impulsos ajudam a repetir variadas situações já existentes."

A psicopedagoga Andrea Vieira das Virturdes , de 38 anos, resolveu participar de um grupo de Constelação, em 2008, por causa de problemas de relacionamento com sua mãe. "Conviver com minha mãe era difícil. Depois que participei da Constelação, minha vida mudou. Foi ótimo, mudei como pessoa. As coisas fluem agora. Sou muito mais segura. Já participei três vezes"

A técnica é trabalhada em workshops vivenciais de curta duração ou em treinamentos de cerca de um ano e meio

A psicóloga Maria das Dores da Silva, estudiosa da área há oito anos, diz que o cliente tem um papel importante para o resultado final da terapia. "O terapeuta questiona o cliente sobre qual é a queixa, dificuldade ou problema. De acordo com a resposta, ele sugere que o cliente vá montando a constelação com bonecos ou participantes do grupo; que irão representar pessoas ou situações marcantes da nossa história e que podem ter uma relação direta com o problema-queixa."

Sem seguir uma regra rígida de estruturação, a terapia pode ser aplicada, geralmente, em grupos de 10 a 15 pessoas, e é desenvolvida como Workshop Vivencial, uma experiência mais limitada, de dois ou três dias, em que se reúnem pessoas que desejam solucionar alguma questão pessoal. A proposta é única e somente trabalhada com o interessado durante aquele evento, a partir de uma necessidade trazida por ele.

Já no treinamento , que tem uma proposta de crescimento mais profunda, com diversos temas trabalhados, é seguida a estrutura de módulos: seu lugar na minha família de origem, relacionamento de casal, relação de ajuda profissional, temas mais amplos como conflitos, postura do ajudante, constelações de negócios etc. O treinamento dura cerca de um ano e meio, período em que são realizados seis encontros. Os alunos podem se desenvolver nos temas de maneira gradual e mais assistida.

Fotos: Arquivo Pessoal

Mauro Lúcio desenvolve o trabalho há mais de 10 anos

> "Lidamos, em especial, com aqueles que geram repetiçoes de destinos inconscientes

Conforme os especialistas, o objetivo é conduzir o aluno de forma que ele encontre uma postura tal que o permita ampliar cada vez mais sua percepção da realidade e da vida no dia a dia.

Nas duas formas, pode-se trabalhar vários problemas: conflitos familiares (pais, filhos, irmãos, tios, avôs), conflitos entre casais, dificuldade em lidar com perdas de parentes, pessoas queridas ou parceiros, dificuldade em relacionar-se de uma forma geral, dificuldade em comunicar-se.

"Neste *setting* não há paciente, mas sim o agente de seu próprio processo de autotransformação", afirma uma das mais conceituadas especialistas no assunto, a terapeuta Jurema Gaudêncio.

issuu-downloader.com

Terapia do luto ajuda a superar a dor

Tratamento ganha espaço nos consultórios de Uberaba e serve de apoio para enlutados

Rafael Torres
4º período de Jornalismo

Embora pouco conhecida, a Terapia do Luto tem como objetivo principal identificar e resolver os problemas causados pela perda. A terapia auxilia o paciente a retornar às atividades profissionais e a vida social. Exige-se dele a vivência de sentimentos e pensamentos que evitava após a morte. É a readaptação de vida.

A Terapia do Luto começou a ganhar força na mídia por meio da atriz e apresentadora Cissa Guimarães, que fez o acompanhamento após perder o filho Rafael Mascarenhas, atropelado em um túnel, no Rio de Janeiro. A atriz disse em entrevistas concedidas à imprensa que entendeu melhor a morte após iniciar a terapia. "Estou fazendo a terapia desde que meu filho se foi e isso tem me dado força. É fundamental. Tem me ajudado a recomeçar. Acho que todo mundo que passa por essa dor deveria fazer, para entender melhor tudo o que acontece. Nós vivemos em uma cultura que lida muito mal com a morte", disse Cissa em entrevista à Revista Caras, em setembro do ano passado.

O tema começou a ser abordado na década de 70, por Sigmund Freud, o pai da psicanálise, que acreditava que o luto é uma reação saudável à perda de uma pessoa querida.

Alguns fatores são importantes para a vivência do luto. A idade de quem morreu, a ligação que se possuía, as circunstâncias da morte, a cultura e a religião na qual a pessoa está inserida influenciam na forma com que se irá lidar com a perda.

A psicóloga uberabense e especialista no assunto, Vera Lúcia Dias, é autora do livro Quando a morte nos visita - uma leitura psicológica dos processos de luto e da busca por mensagens psicografadas. Lançado em 2011, o livro possui oito capítulos e 290 páginas. É resultado da tese de mestrado de Vera. Ela conta suas experiências como terapeuta de perdas e luto, explicando o processo do tratamento, as fases do enlutado, orientações e o término do processo do luto.

"Na vida, vivemos muitos lutos simbólicos para poder enfrentar os reais. Todos eles, quando estamos vivendo, são extremamente importantes" explica a autora.

Apesar de não ser um livro religioso, a obra traz mensagens espirituais como instrumentos para a elaboração psicológica de um luto.

Foto: Arquivo Pessoal

Vera Lúcia é uma das profissionais a oferecer o tratamento

Segundo Vera, a busca por conforto é o que leva as pessoas a procurarem esse tipo de apoio após a perda. "O comportamento de quem procura pelas mensagens psicografadas pode ser a mais refinada forma de concretizar a crença na intermediação entre os vivos e os mortos, e, encontrá-los por meio das mesmas, pode representar a confirmação da continuidade da vida futura e a possibilidade de comunicação com os espíritos", explica Vera, em um dos capítulos do livro, sobre a compreensão da busca pelas mensagens psicografadas.

A psicóloga enfatiza que a perda de filhos é a que mais leva à procura pelo tratamento. O retorno para as atividades depende de pessoa para pessoa. "É o vínculo mais forte que existe", afirma Vera Lúcia Dias.

De acordo com a especialista, o acompanhamento é breve e focal. Acontece em aproximadamente 12 semanas, mas há pacientes que precisam de mais tempo. Então, é indicado o acompanhamento convencional, no qual são tratados diversos conflitos do paciente, e não apenas a superação da perda.

"Cada pessoa viverá seu luto de uma forma e de acordo com seus recursos internos. Uma pessoa que é mais frágil emocionalmente viverá seu luto com mais dificuldade; outra, que é mais resistente para enfrentar os problemas, vai viver o luto de outra maneira", finaliza Vera.

Foto: Arquivo O Globo

Cissa Guimarães no túnel onde o filho Rafael Mascarenhas foi atropelado em julho de 2010

issuu-downloader.com

JOGADA DE VENCEDOR

De 26 a 28 de outubro suas ações já estão definidas e suas estratégias já estão preparadas. Três dias com palestra, competição, conhecimento e entretenimento esperam por você na Com3.
Uma oportunidade de descobrir o que o mercado quer de você e entender o que você pode encontrar nesse universo competitivo.

Seu melhor plano.

26 out

Show de abertura
Praça da Comunicação, às 18h30

Palestra: ***CTBC. Um novo posicionamento. Uma nova marca.***
Cristiana Heluy de Castro.
Assessora de Comunicação e Marca da Algar Telecom;
pós-graduada em Marketing pela Fundação Getúlio Vargas-RJ
e especialista em Branding pelo Grupo Troiano de Branding
Anfiteatro D02, às 19h30

27 out

Fórmula Mídia
Uma corrida muito divertida pelo circuito da mídia
Quadra 04, às 19h

28 out

Festival do Minuto Uniube
Mostra competitiva de vídeos
Cine Teatro Vera Cruz, às 19h

issuu-downloader.com